

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

NATHÁLIA SILVA BARBOSA

Ilusão: do ritual ao espetáculo.
As dinâmicas em torno de um grupo de Bate-bola.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade
Federal Fluminense, como requisito
para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Silva dos Santos

Niterói
2014

Nathália Silva Barbosa

**Ilusão: do ritual ao espetáculo.
As dinâmicas em torno de um grupo de Bate-bola.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito final para obtenção de grau de Mestre em Antropologia.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nilton dos Santos Silva
Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Renata de Sá Gonçalves
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Marcia Leitão Pinheiro
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Niterói-2014

Agradecimentos

Agradeço inicialmente à Capes- CNPq por me conceder a bolsa para fazer esta pesquisa. Ao professor Nilton Santos pelo apoio e incentivo para a conclusão desta dissertação. Sou grata também ao casal Ana Clara e Alessandro por terem me recebido diversas vezes em sua residência me permitindo adentrar em suas rotinas. Agradeço a todos os componentes do grupo Ilusão pelo respeito e simpatia em todos os nossos encontros. Agradeço à minha família, que mesmo longe, sem entender o motivo da minha escolha em me mudar para outro estado, acreditou no meu crescimento pessoal e intelectual e sempre incentivou esta caminhada. Obrigada!

Resumo

Esta dissertação procura abordar a manifestação contemporânea das turmas de carnaval de Bate-bola na cidade do Rio de Janeiro e buscar uma maior compreensão de um fenômeno que carrega características tradicionais e fixas, mas que absorve diferentes influências contemporâneas em sua estrutura.

Acreditamos que as Turmas de Bate-bolas produzem uma prática multifacetada e dinâmica da cultura, sendo assim, os brincantes fazem parte de um objeto complexo, mutável, que lida com adesões e recusas simbólicas.

Pretendemos oferecer pistas para avaliar uma dinâmica sociocultural e que tem na comunicação visual, um importante terreno de produção de estilo, de visão crítica, assim como, explicitação de conflitos e diferenças cada vez mais difíceis de serem ocultadas e que se tornam visíveis nos encontros dos grupos, onde tensões e articulações são enfatizadas.

Situando o Bate-bola na vida cotidiana dos brincantes, pretendemos mostrar como os participantes vivem nos dias de folia o ápice de uma preparação anual composta por um conjunto de atividades que se desenrolam durante o ano para que os grupos saiam às ruas.

O carnaval de Bate-bola seria uma forma de compreender o mundo social através do diálogo de trocas recíprocas, através de fronteiras fluidas.

O carnaval é bom para brincar, fazer e para pensar, ao fim desta dissertação podemos afirmar que fomos envolvidos por uma surpreendente complexidade que gira em torno do Bate-bola como uma parte da festa carnavalesca. Durante o carnaval além da reprodução entre o mundo ritual e cotidiano, são realizadas rupturas, deslocamentos e continuidades. O carnaval lida com uma passagem do tempo que se distingue e se relaciona com a compreensão da duração, o presente e o passado se juntam na expressão ritual e produzem uma consciência histórica do mito.

Palavras-chave: Carnaval – Bate-bola – Sociabilidade.

Abstract

This dissertation seeks to address the contemporary manifestation of the groups of Carnival Bate-bola in the city of Rio de Janeiro and seek a greater understanding of a phenomenon that carries traditional and fixed characteristics, but which absorbs different contemporary influences in its structure.

We believe that the groups of Bate-bolas produce a multifaceted and dynamic practice of culture, so the revelers are part of a mutable, complex object that handles memberships and symbolic refusals.

We aim to offer clues to assess a sociocultural dynamics and has visual communication, an important terrain of Style, critical vision, as well as clarification of conflicts and differences increasingly difficult to be hidden and become visible in the meetings of groups where tensions and joints are emphasized.

Situating the Bate-bola in the everyday life of revelers, we intend to show how the participants live in the days of revelry the culmination of an annual preparation composed of a set of activities that take place throughout the year for groups to take to the streets.

The Carnival Bate-bola would be a way of understanding the social world through the reciprocal exchanges dialogue through permeable boundaries.

Carnival is good to play, do and think at the end of this dissertation can be stated that we were surrounded by an amazing complexity that revolves around the Bate-bola as a part of the carnival party. During carnival beyond reproduction between ritual and everyday world, breaks, shifts and continuities are performed. Carnival deals with a passage of time that distinguishes and relates to the understanding of the term, the present and the past come together in ritual expression and produce a historical consciousness of myth.

Keywords: Carnival – Bate-bola – Sociability.

Sumário

1. Introdução.....	09
2. Os Clóvis.....	16
3. As Turmas de Bate-bolas.....	19
4. A sociabilidade entre os Grupos de Bate-bola.....	25
4.1 - A sociabilidade dos grupos na Internet.....	30
5. As vestimentas dos Bate-bolas.....	34
5.1 As máscaras.....	40
6. O grupo Ilusão.....	44
6.1 As primeiras aproximações.....	48
6.2 Alessandro e o carnaval	54
6.3 O grupo Ilusão e Loren.....	56
6.4 A costureira de Bate-bolas.....	60
7. A Performance.....	63
7.1 O grupo Ilusão em Performance.....	65
7.2 A saída do Grupo Ilusão.....	71
7.3 As Ruas como Espaço de Encontro.....	84
7.4 Última ida a campo, futuro e incertezas.....	89
8. Considerações Finais.....	97
9. Bibliografia.....	101

Índice de Figuras

Figura 01- Fantasiados de Clóvis.....	17
Figura 02 - Integrantes de Turmas diferentes com camisetas comemorativas dos grupos.....	23
Figura 03 - Convite para Festa organizada pela Turma Pernalonga.....	30
Figura 04 - Convite para Festa organizada pela Turma Charada..	31
Figura 05 - Cd da Rádio Conflito com músicas das Turmas de Bate-bolas.....	31
Figura 06 e 07 - Melhores grupos de Bandeira e Bola eleitos pela Rádio Conflito.....	32
Figura 08 - Convocação para reunião entre grupos de Bate-bola.....	33
Figura 09 - Máscara da fantasia 2013 do Grupo Ilusão.....	42
Figura 10 - Traje completo do Grupo Ilusão 2012.....	44
Figura 11 - Mapa de parte dos bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro.....	45
Figura 12 - Grupo Ilusão carnaval 2012.....	47
Figura 13 - Pintura do muro do Grupo Ilusão.....	50
Figura 14 - Tela da sombrinha do Grupo Ilusão 2013.....	52
Figura 15 - Entrega do troféu Inovação e Criatividade 2013.....	59
Figura 16 - Festa em comemoração ao aniversário de Loren.....	59
Figura 17 - Festa da saída do Grupo Ilusão 2013.....	66
Figura 18 - Preparação para saída do Grupo Ilusão 2013.....	68
Figura 19 - Organização no ônibus para saída.....	72
Figura 20 - Traje completo do grupo Ilusão 2013.....	75
Figura 21 - Grupos com o mesmo tema se encontram.....	76
Figura 22 - Integrantes do grupo Ilusão apenas com o kit no bairro de Madureira.....	77
Figura 23 - Encontro com a Turma Talibã.....	79
Figura 24 - Parada para fotos entre mulheres do grupo Ilusão e outros agrupamentos.....	80
Figura 25 - Briga entre grupos rivais pela internet.....	83

INTRODUÇÃO.

Diversos são os motivos que me aproximam do carnaval de Bate-bola tema desta dissertação, mas gostaria de dar relevo a dois que considero mais significativos. O primeiro tem relação íntima com a minha trajetória estudantil.

Durante a graduação, me dediquei ao estudo do chamado *funk* “proibidão”, estilo musical produzido inicialmente nas favelas cariocas e por conta da difusão das músicas pela internet e outros meios alternativos, passou a ganhar adeptos em todo o território nacional se tornando uma forma cultural de expressão de certos grupos sociais.

Cresci em Belo Horizonte, uma cidade que não possui tradição de blocos carnavalescos ou escolas de samba por isso, quando me deparei pela primeira vez com um grupo mascarado no subúrbio carioca, passei a me questionar sobre quem seriam as pessoas por trás daquelas máscaras, o que as levava a se fantasiar e desfilar em grupos pelas ruas da cidade, qual é a relação entre a comunidade e os grupos, dentre outras questões. A partir de então, estava inaugurado o meu projeto de pesquisa para o mestrado. Como não conhecia aquela expressão cultural comecei a obter informações, sobretudo na mídia, sobre o meu futuro objeto de estudo.

O Bate-bola cruza a minha trajetória no ano de 2007. Era carnaval e estava no bairro de Guadalupe, zona norte do Rio de Janeiro quando me deparei com um grupo fantasiado com roupas coloridas que se assemelhavam a palhaços, portando sombrinhas coloridas e bolas, vestidos com máscaras que cobriam seus rostos. Eram personagens de várias estaturas, pelo qual eu presumia serem crianças e jovens.

Os mascarados estavam se deslocando para o interior da favela do Muquiço (localizada no bairro de Guadalupe, zona norte do Rio de Janeiro). Durante o percurso, os “palhaços” corriam, dançavam, pulavam e soltavam foguetes, como que avisando à comunidade que o grupo já se encontrava completo e seus participantes exaltavam sua reunião. Munidos com bolas de plástico, presas a uma armação, os participantes incessantemente batiam com o acessório no chão provocando apreensão e

medo em seus espectadores.

Nas portas das casas, crianças se amontoavam próximas aos adultos, ao mesmo tempo fascinados e reticentes em relação àquelas figuras. Um pouco depois, o grupo passou a se dirigir a outro ponto de encontro no bairro, onde lá, se encontrariam com outros agrupamentos de Bate-bola.

Sendo assim, depois de algum tempo, passei a pesquisar a fundo a manifestação com o objetivo de desvendar as características que formam aquela expressão cultural.

Esta dissertação buscará problematizar a manifestação contemporânea das turmas de carnaval conhecidas como Bate-bolas na cidade do Rio de Janeiro.

Para Clifford Geertz (1978), o objetivo da Antropologia é alargar o universo do discurso humano. A descrição etnográfica deve ser microscópica, deve interpretar o fluxo do discurso social, por isso é considerada interpretativa. As descrições das culturas são na verdade interpretações, pois somente um nativo faz a interpretação de sua cultura em primeira mão, o pesquisador na verdade cria ficções, modela os dados de acordo com a teoria, com sua vivência no campo e sua história de vida.

De acordo com James Clifford, a etnografia deve ser concebida como “uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois – e muitas vezes mais – sujeitos conscientes e politicamente significativos” (1998, p.41). O exercício da análise antropológica é constituído de diversos recortes e separações dos eventos que são criados no mundo social.

Ao se investigar uma dada sociedade é necessário que o pesquisador mantenha uma distância para que não seja prejudicada a objetividade da pesquisa. Portanto, o pesquisador deve ver “com os olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões” (VELHO, 1987, p.01).

A realidade sendo familiar ou exótica é filtrada pelo ponto de vista do observador, sendo assim, mesmo com a coleta de dados objetivos e verdadeiros de uma sociedade, a pesquisa carrega as subjetividades do

pesquisador reveladas a partir de suas investigações.

Concordo com James Clifford quando ele afirma que a experiência etnográfica “obriga seus participantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as dificuldades de transmitir em texto escrito as experiências de campo” (1998, p.20). É uma tarefa árdua, transformar uma experiência pessoal em uma forma coletiva.

Assim como a etnografia, a cultura é interpretativa e mutável, passa por constantes transformações. São realizadas negociações entre atores, onde discursos polifônicos são realizados, desta forma, as palavras, assim como as culturas não podem ser consideradas neutras, sendo, portanto, carregadas de subjetividades e nuances específicas.

Na Antropologia um exemplo desta quebra de paradigma é o caso havaiano apresentado por Marshall Sahlins (1987), em seu livro *Ilhas de História*. Sahlins nos mostra que, por conta do contato com os europeus, a relação da população e a chefia havaiana haviam sido alteradas, dando margem a relações que não estavam previstas nas dinâmicas tradicionais. Sendo assim, durante o evento são produzidos novos termos sintéticos e os valores das categorias elementares são alterados. O evento era absolutamente único e, ao mesmo tempo, repetido anualmente.

Ou seja, as culturas apresentam por um lado uma contingência histórica, mas ainda assim, expressam as particularidades da ação individual que são incorporadas de acordo com as dimensões recorrentes do evento, onde a ordem cultural se encontra estabelecida. Sendo assim, os significados culturais e a estrutura são alterados.

A cultura é viva, as manifestações em sua reprodução sofrem transformações constantes. Desta forma, a partir do exemplo havaiano podemos perceber que história e estrutura não são alternativas mutuamente exclusivas. A cultura é como uma síntese de estabilidade e mudança, passado e presente, diacronia e sincronia. De acordo com Sahlins:

"Toda reprodução da cultura é uma alteração tanto que, na ação, as categorias através das quais o mundo atual é orquestrado assimilam algum novo conteúdo empírico" (SAHLINS, 1987, p.181).

Portanto nesta pesquisa não pretendemos analisar a manifestação cultural do Bate-bola a partir de modelos fixos, modelos com papéis definidos dentro de uma estrutura estática. Acreditamos que o Bate-bola como manifestação cultural desempenha um papel ativo na vida social, são ao mesmo tempo, sujeitos e objetos de uma rede complexa de significados.

Acreditamos que o estudo da ação social, assim como para Foote-Whyte:

“lida com as interações entre os indivíduos, vistos não como mônadas isoladas, mas como sujeitos ativos, atuando dentro de redes e grupos sociais, num processo contínuo de mudança e reinvenção social” (2005, p.11)

Desta forma, a manifestação cultural deve ser identificada através da reunião de informações históricas e etnográficas para que sejam coletadas as características essenciais e conseqüentemente sua manutenção através do tempo e as alterações de acordo com a incorporação de objetos e componentes externos à manifestação.

No início das investigações, ao buscar materiais que esclarecessem os questionamentos que estavam surgindo, nos deparamos com a pequena quantidade de textos que se destinavam a compreender o carnaval de Bate-bola e as mudanças que se processavam em seu entorno.

Não existem dados concretos sobre a quantidade de grupos de Bate-bolas existentes na cidade e no estado do Rio de Janeiro. Mesmo sendo considerado patrimônio cultural do Estado do Rio de Janeiro, inexistem informações ou cadastros realizados pela secretaria de cultura e outros órgãos estaduais. Na internet há um site chamado Petição Pública que promove a instauração da Política Cultural para as Turmas de Clóvis e Bate-bolas. De acordo com o documento, os grupos se encontram espalhados pelas zonas Norte e Oeste da cidade do Rio de Janeiro e em alguns municípios da Baixada Fluminense e contam com aproximadamente 500 grupos, que possuem de 40 a 200 integrantes em média. Ainda segundo o documento, são calculados cerca de 50.000

representantes da manifestação cultural.

Durante a busca me deparei com a existência de um documentário¹ e como fonte teórica havia uma pequena quantidade de materiais, dentre eles, os textos de Aline Valadão Vieira Gualda (2008).

Inicialmente para a realização desta pesquisa procuramos identificar grupos de Bate-bola que possuíssem a mesma estrutura, mas que carregassem características que os diferenciavam dos demais.

Desta forma, a identificação de alguns grupos foi realizada durante o carnaval de 2012 no concurso Folião Original realizado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Inicialmente me aproximei dos grupos que chamavam mais atenção dos espectadores, devido à aparência das fantasias ou pela alegria dos componentes. A partir de então, apresentei um pequeno questionário para os grupos escolhidos. E para a realização da pesquisa escolhi dentre os grupos pré-selecionados, aquele que possuía destaque em suas vestimentas, no tamanho do grupo e no local de origem da turma de Bate-bola.

Durante a primeira incursão a campo, quando foi realizada a identificação dos grupos presentes no concurso “Folião Original” realizado pela prefeitura do Rio de Janeiro, foram ordenadas as primeiras informações relativas às dinâmicas que envolvem os grupos de Bate-bolas e a partir delas, conseguimos estabelecer os primeiros contatos com os representantes dos agrupamentos.

Ao me aproximar dos grupos que se encontravam espalhados pela praça, me identificava e começava com uma explicação elaborada sobre minha formação, meu projeto e quem eu era.

Dentre todos os agrupamentos pré-selecionados naquela ocasião, todos mostravam grande interesse em responder aos questionamentos levantados, talvez por eu ser mulher em um ambiente majoritariamente

¹ Carnaval, bexiga, *funk* e sombrinha (2006). Documentário que retrata as manifestações contemporâneas dos bate-bolas na cidade, através do acompanhamento de diferentes turmas de bate-bolas nos preparativos do carnaval do ano de 2005.

² O Concurso Folião Original é promovido desde 1977 pela Secretaria de Turismo da cidade do Rio de Janeiro e promove a eleição dos melhores fantasiados em diversas categorias. No ano de 2013, os prêmios para grupos de Clóvis R\$ 2,3 mil, R\$ 1,8 mil e R\$ 1,6 mil.

masculino e acredito que também por querer conhecê-los e demonstrar interesse pela vestimenta e pela expressão cultural que fazem parte.

Em sua maioria os participantes de diversos grupos me perguntavam se eu poderia ajudá-los perante a prefeitura através da liberação de verbas, e mesmo com a minha negativa, se demonstravam aptos a participar da minha futura pesquisa.

Logo descobri que minha aceitação nos grupos dependeria das relações que haveriam de ser desenvolvidas, muito mais do que qualquer explicação que eu pudesse dar. Sendo assim, seria de extrema importância o apoio de indivíduos-chave no grupo estudado.

No primeiro contato procurava apreender os grupos, em relação ao local de origem, valor da fantasia, número de componentes, parentesco, forma de arrecadação de verbas dentre outros. Já com os contatos estabelecidos, questionava os responsáveis, sobre os episódios e ligações com atos violentos, sendo negado por todos, de acordo com os responsáveis acontecem encontros que ocorrem brigas, mas todas as turmas afirmam não fazerem parte destes eventos.

Mais tarde relendo Foote-White (2005) percebi que é preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar e que perguntas fazer.

“Vá devagar, Bill, com essa coisa de ‘quem’, ‘o quê’, ‘por quê’, ‘quando’, ‘onde’. Você pergunta essas coisas e as pessoas se fecharão em copas. Se te aceitam, basta que você fique por perto, e saberá as respostas a longo prazo, sem nem mesmo ter que fazer as perguntas... Sentando e ouvindo, soube as repostas às perguntas que nem mesmo teria tido a ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas.” (White, p.304)

Desta forma, a frequência no campo começou a descortinar o universo que o bate-bola imprime e desta forma pude compreender os atores e elucidar as dinâmicas em torno da cultura.

A etnografia de acordo com Maria Laura Cavalcanti (2002) traduz como um resultado de “operação intelectual de transposição da apreensão interna/subjetiva” desta forma, a apreensão do nativo e do pesquisador/observador que vive a experiência são incorporadas de forma sistemática e coordenada no texto.

A análise das culturas, segundo José Guilherme Cantor Magnani

(2002) permite introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade. Através das múltiplas redes de sociabilidade, estilos de vida, conflitos, os atores sociais se apropriam de formas diversas da cidade. Os atores sociais através de suas práticas “constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole”. (p.15)

Sendo assim, não cabe a pesquisa antropológica condenar ou defender seu objeto, mas sim descrevê-lo e compreendê-lo mediante uma visão “de dentro”, ou seja, de uma análise baseada na vivência do fato e nos depoimentos dos responsáveis por sua produção.

Em certos momentos, disponibilizamos fotografias com o objetivo de ampliar o campo de observação, trazendo elementos que extrapolam o texto, que muitas vezes se tornaram impossíveis de serem transportadas em palavras para o papel.

A imagem pode ser pensada como artefato cultural e por isto passível de se transformar em objeto da ciência, um caminho para elaboração e divulgação dos resultados de pesquisa. Desta forma, propomos através das imagens, mapear um percurso de contato e interlocução com a Antropologia.

2 - OS CLÓVIS.

Aline Valadão Vieira Gualda (2008) considera que os Clóvis inicialmente eram caracterizados como mascarados que usavam máscaras de tela multicolor, com um chumaço de algodão colorido no alto da cabeça fazendo vezes de cabelo; suas fantasias de cetim em cores variadas evocam os palhaços de circo. Calçavam tênis comuns, e às mãos traziam uma bexiga de boi seca e cheia de ar que davam fortes batidas no chão, tentando afastar os inoportunos e curiosos.

A origem da brincadeira possui raízes europeias medievais, segundo Aline Gualda (2008), no século XVI os mascarados saíam às ruas portando bexigas de boi infladas e atadas a um bastão, que seriam utilizadas contra as pessoas que passavam pelas ruas durante o carnaval.

Atualmente, as bexigas de boi foram trocadas por bolas feitas de plástico, as máscaras continuam a fazer parte da vestimenta, mas aparecem com novas roupagens, e a vestimenta é feita com diversas cores, apresentam desenhos da cultura de massa, como por exemplo: Menino Maluquinho, A Pequena Sereia, Smurfs, ou personalidades como Chico Anísio, Martinho da Vila, personalidades negras americanas, envoltos por lantejoulas e bordados.

Segundo Rogério Medeiros (2007) no texto “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha: os venezianos da Zona Oeste carioca”, o nome Clóvis, que deu origem aos foliões, provavelmente tenha sido derivado da palavra inglesa “clown” (palhaço), pois as fantasias se assemelhavam à roupa utilizada por palhaços.

Os Bate-bolas, de acordo com Aline Valadão Vieira Gualda (2009), já foram descritos como foliões “necessariamente mascarados, com indumentárias e performance regulares e constantes, e que se manifestariam exclusivamente nos bairros suburbanos da cidade do Rio de Janeiro” (2009, p.7).

A denominação Bate-bola tem relação com bater uma bexiga no chão, um acessório da vestimenta destes integrantes. De acordo com Aline Valadão Gualda (2008) Santa Cruz seria o bairro onde a manifestação

dos bate-bolas teria nascido. O bairro teria no passado abrigado o Matadouro de Santa Cruz, fornecedor das bexigas que compunham a fantasia e por abrigar na década de 30 um hangar de zepelim que fora construído por militares alemães. Estes militares chamavam as fantasias que circulavam no período carnavalesco em Santa Cruz pelo termo “clown” (palhaço, em inglês) e assim, teriam contribuído para o surgimento da brincadeira.

Alba Zaluar compreende os Clóvis como “uma manifestação cultural popular resistente às investidas da cultura de massa, ao contrário do que estaria ocorrendo com as escolas de samba”. (1978, P.59) E esta resistência seria causada pela invisibilidade da manifestação por ocorrer nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, a autora classifica o Bate-bola como uma forma de “carnaval subterrâneo”.



Figura 1: Fantasiados de Clóvis

Sendo assim, para Alba Zaluar, os Clóvis se tornariam um objeto fecundo para se pensar o caráter ambíguo da cultura popular por ser “autônoma e eternamente dependente ou vinculada à cultura dominante, irreverente e submissa, contestatória e deferente” (1978, p.51).

Segundo Aline Gualda (2008) existe uma ligação entre a brincadeira realizada pelos bate-bolas e jovens na Europa do século XVI. Os jovens europeus brincavam com bexigas de boi ou porco infladas pelas ruas durante o carnaval. A origem da brincadeira, para Alba Zaluar, é associada às influências europeias do período medieval, presentes nas “bexigas de boi” e nas “máscaras de morte” (1978, p. 56)

Para Paulo Raposo, no texto: “Do ritual ao espetáculo. “Caretos”, intelectuais, turistas e media” (2004) existiria um processo de (folclorização) pelo qual as manifestações culturais são reinterpretadas e se tornam, portanto, ícone identitário de toda uma região. Para ele, estes processos têm como objetivo a (re)construção das fronteiras para a definição das identidades e da memória coletiva, sendo influenciadas pelos impactos culturais exteriores, sendo assim as culturas vão se constituindo cada vez mais a partir de características híbridas.

Nas culturas coexistem elementos que valorizam a tradição inviolada, fonte de estabilidade, ao mesmo tempo em que existe um movimento de renovação e descontinuidade.

Estamos próximos daqueles aspectos, portanto, destacados pelo clássico artigo de Eric Hobsbawm (1984) sobre a invenção das tradições. De acordo com o autor, as tradições são as:

“reações a situações novas que ou assumem a forma de referência à situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” (1977, p.10).

Apesar de seu caráter tradicional os grupos não vivem presos ao passado, sendo constantemente incorporadas novas práticas e comportamentos no espaço público.

As manifestações vêm sendo reinventadas a partir de constantes recomposições da relação entre tradição e modernidade. O resultado destes processos estabelecem a fusão, recriação e reinvenção cultural dos domínios artísticos e culturais.

3 – AS TURMAS DE BATE-BOLA.

Os bate-bolas se manifestam com complexidade e organização diferentes do seu início, há décadas atrás. De acordo com Aline Valadão Vieira Gualda Ferreira em seu texto: Os bate-bolas do carnaval carioca contemporâneo: dinâmicas e disputas simbólicas (2009). Os participantes se organizam coletivamente e formam turmas, ao contrário da figura solitária ou pequenos grupos que existiam.

Os brincantes do carnaval de Bate-bola partilham de um conjunto de códigos e estilos híbridos a partir de referências locais e internacionais.

O princípio estético dos grupos sugere uma experiência cultural heterogênea através de uma negociação de identidades culturais mistas, híbridas ou transnacionais.

Pode-se afirmar que existem práticas comuns entre grupos de Bate-bolas, mas cada grupo se apropria de formas particulares de acordo com sua relação com o meio. De acordo com Marshall Sahlins, cada objeto possui o valor implementado pelo sujeito ativo sendo assim "o valor conceitual adquire um valor intencional que pode muito bem ser diferente de seu valor convencional" (1987, p.188). Sendo assim, os brincantes fazem parte de um objeto complexo, mutável, que lida com adesões e recusas simbólicas.

Os grupos de Bate-bolas contemporâneos apreendem leituras próprias em suas manifestações. De acordo com Aline Gualda (2009), os repertórios são "abertos de elementos materiais e performáticos com significados flutuantes, a partir dos quais as turmas elaborariam suas "versões" para a fantasia e para o comportamento dos bate-bolas". (2009, p. 13).

O carnaval de Bate-bola apresenta aspectos tradicionais e fixos, mas que carrega variações de acordo com os grupos. Cada turma faz a adequação da fantasia à expectativa do grupo, alternando cores, formatos, elementos, e desenhos. Ou seja, os grupos possuem regras flexíveis e características híbridas.

Os grupos se tornam espaços privilegiados de articulação de identidades, onde são expressas a realidade juvenil urbana, os anseios, tradições e mudanças. Através das músicas que ouvem e cantam os símbolos que admiram, as roupas que vestem e a forma pelo qual se relacionam com o grupo e a sociedade.

Os grupos contemporâneos se diferenciam uns dos outros, através de características marcantes tornando a expressão cultural uma forma multifacetada e dinâmica de organização.

Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro em seu livro “Balão no céu, alegria na terra” (1986) apresenta um estudo sobre os grupos de soltadores de balão no Rio de Janeiro.

A autora nos mostra ser esta, uma prática dos subúrbios cariocas e ainda assim, ser difícil de delinear o perfil do baloeiro. Assim como os brincantes do Bate-bola, pois os grupos agregam diversos perfis, mas de forma geral os participantes possuem o mesmo local de moradia, tem relações de amizade ou familiar, e de acordo com a autora, “o que os une são, fundamentalmente, relações afetivas e pessoais estruturadas.” (1986, p. 65)

As Turmas são constituídas por indivíduos, que residem na mesma área, partilham algum vínculo além do carnaval, seja ele o time de futebol ou grupo de amigos. Assim como os grupos de baloeiros, os grupos de Bate-bolas são formados por organizações voluntárias, conhecidas como turmas. As turmas de acordo com a autora são mais concentradas em áreas específicas “são grupos movidos por relações sociais múltiplas e princípios ordenadores.” (p.41)

Sendo assim, o Balão assim como o Bate-bola são manifestações culturais que produzem rituais de integração social.

“A confecção socializa os indivíduos nas regras do trabalho coletivo, na ação combinada entre amigos, vizinhos, parentes e mesmo colegas de trabalho para o desempenho de determinadas tarefas e atividades programadas, implicando sobretudo em compromissos e responsabilidades que são assumidos, valorizados e legitimados entre eles.” (1986, p.43)

Para Evans-Pritchard (1978) são as relações entre grupos que possuem alto grau de coerência e constância, que colaboram para a

manutenção dos grupos "de modo que sucessivas gerações de pessoas passam através deles" (p.271) e sejam ligadas através de estruturas sociais.

Cada grupo possui suas características, seu discurso, sendo assim, uma cultura é "um diálogo em aberto, criativo, de subculturas, de membros e não membros, de diversas facções." (CLIFFORD, 1998, p.47)

Os participantes partilham uma identidade coletiva que se apoia na escolha de referenciais simbólicos comuns, como o nome, o emblema, o hino, o lema, o bandeirão, dentre outros.

O nome da turma apresenta o elemento mais comum entre os grupos e permite a identificação e diferenciação perante outras associações. Os nomes não são escolhidos perante regras, mas sua formulação está ligada a elementos da cultura de massa, outros fazem referência a filmes e programas de televisão, alguns homenageiam desenhos animados e ainda há aqueles ligados à assuntos em projeção na mídia mundial ou expressam sentimentos.

É interessante observar no relato de GUALDA (2008) que a relação com o nome é tão importante que alguns grupos, até mesmo registram em cartório o nome escolhido, e quando há alguma dissidência, o elemento do grupo que havia registrado a escolha, requer o nome a seu favor.

As turmas se nomeiam com características pela qual querem ser conhecidas e respeitadas.

Alessandro ao ser questionado sobre o motivo que levou a escolha do nome do agrupamento, o mesmo devolve a pergunta: O carnaval é o quê? Ao receber a resposta: Festa. Ele discursa: Festa que propõe ilusões. É um pensamento que propõe criatividade, sonhos. Este é o motivo da escolha, finaliza.

De acordo com Alessandro: "Para ser respeitado, o Bate-bola deve ter nome, deve ser conceituado, o grupo deve ser conhecido pela beleza da fantasia, como diz minha tia, o nome é poder".

Outras turmas se valem do nome de seu fundador para a escolha de sua nomenclatura, outras relembram o local de origem e finalmente há aquelas turmas que escolhem sentimentos para sua identificação.

Algumas turmas criam lemas, que são enunciados, que permitem a elas serem identificadas. Os lemas podem variar anualmente ou em um mesmo carnaval. O lema de acordo com Aline Gualda (2008) contribui para a definição da identidade do grupo. São enunciações que exprimem como o grupo quer ser conhecido. Algumas turmas juntam lema e emblema no *design* do bandeirão.

O emblema é um símbolo visual criado para representar um grupo, este símbolo pode ser alterado e existem grupos que não possuem este símbolo. Os emblemas normalmente são extraídos da cultura de massa que estão em voga no momento. São desenhos de personagens que são escolhidos de acordo com o nome da Turma ou algum desenho, imagem que está em evidência.

O bandeirão se parece com as bandeiras de torcidas organizadas de futebol, e é exibido em festas e eventos realizados pelas turmas antes ou depois do período de carnaval.

Os grupos são coletivos que partilham interesses, uma identidade comum, baseada na coletividade e no caráter competitivo. Os grupos competem em concursos realizados pela cidade do Rio de Janeiro.

Algumas turmas organizam encontros de Bate-bolas durante o ano onde são escolhidas as melhores fantasias e o melhor bandeirão.

Outra referência identitária é a camiseta da turma, uma espécie de uniforme no qual está impresso o nome, o emblema e o lema do grupo. Há grupos que fazem diversas camisetas durante todo o ano para comemorar datas festivas, como o caso do grupo Ilusão que produziu camisetas no dia de São Jorge, nos dias de churrascos comemorativos do grupo e até mesmo agasalhos com o símbolo e o nome do grupo para os dias mais frios.



Figura 2: Integrantes de Turmas diferentes com camisetas comemorativas dos grupos.

Sendo assim, para Roberto DaMatta:

“não se trata de uma reprodução nos termos de uma homologia, mas de uma representação de alguns traços que a cultura brasileira define como sendo essenciais a uma criação de fantasia (ou brincadeira) do tipo”. (1973, p. 39)

O autor acrescenta:

É justamente porque as fantasias não estão preocupadas com uma correspondência centrada na homologia que é possível a duas pessoas fantasiadas de palhaço, por exemplo, viverem suas fantasias de modo fundamentalmente diverso, embora os sinais exteriores do tipo que tentam criar sejam semelhantes e de acordo com um mesmo modelo cultural”. (Ibid.: 40)

As turmas de bate-bolas revelam especificidades visuais e de comportamento, além de reproduzirem costumes populares tradicionais, os agrupamentos têm se apresentado como catalisadores de influências variadas.

Desta forma, a homogeneidade não é uma máxima entre as turmas de bate-bolas, as fantasias expressam a compreensão legítima de cada associação. As fantasias articulam diversos elementos que se unem como um todo e criam significados dinâmicos e multifacetados. As fantasias também podem indicar em escala diferenciada as relações de identidade entre os brincantes, há turmas que produzem fantasias idênticas para os componentes, outras preparam fantasias semelhantes com pequenas diferenciações e ainda há turmas que fazem fantasias com poucos elementos iguais.

São agrupamentos complexos que partilham identidades coletivas ancoradas em compreensões e usos particulares de um conceito específico da manifestação.

4 – A SOCIABILIDADE ENTRE GRUPOS DE BATE-BOLA.

Na teoria social, o termo sociabilidade designa o estado que resulta imediatamente das faculdades do homem (estado de sociedade) e ao simultaneamente reflete um traço da psicologia coletiva de grupo.

A sociabilidade é a capacidade do ser humano em viver em sociedade e através da vida em grupo, da interação, o ser humano se adequa e passa a carregar características comuns. A sociabilidade se refere a situações lúdicas permeadas por confraternizações entre pessoas e nas ruas estas relações ganham força, adquirindo características fundamentais. Maria Pontes Sposito no texto: A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade (1993), discute as novas formas de sociabilidade nas grandes cidades geradas no âmbito jovem, a partir da construção de identidades coletivas através da música e da dança.

Desta maneira, a sociabilidade apresenta-se de forma peculiar e reveladora ao ser apropriada por jovens nos espaços urbanos e no agir coletivo, mobilizando atores em torno de uma única identidade, mas ainda assim, cada agrupamento carrega suas particularidades.

No texto Grupos e Sociabilidade (1995), Jean Baechler apresenta a sociabilidade como uma associação particular onde homens encontram um meio de serem sociáveis seja em salões, círculos, clubes, dentre outros. Mais tarde, a sociabilidade foi associada às redes que nascem espontaneamente às relações que cada indivíduo mantém com outros. O autor propõe uma diversificação do vocabulário, sendo assim, ele apresenta os conceitos de sodalidade, sociabilidade e socialidade.

A sodalidade é a capacidade de constituir grupos, definidos como unidades de atividades como exército, empresas e famílias.

Para o Baechler, a sociabilidade se estende a:

“capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões [...] vizinhos, públicos, salões, círculos, cortes reais, mercados, classes sociais, civilizações.” (1995, p.66).

Já a socialidade seria a capacidade de manter os grupos e redes coesos, assegurando coerência e coesão que os constituem em sociedade. A noção de sociabilidade, na teoria social, se reflete nas situações lúdicas em que há confraternização entre os atores sociais. Desta forma, as reuniões revigorariam os sentimentos coletivos, afirmam valores e reforçam relações, além de constituir identidades.

As festas populares carregam por sua dimensão ritual assim como por sua beleza misturada uma natureza espetacular. De acordo com Maria Laura Cavalcanti em seu texto “Os sentidos do espetáculo” (2002) as festas-*potlatch* são permeadas por rivalidades pelas quais, o talento e a energia de muitas pessoas são consumidos em alguns dias de intensa e inesquecível experiência corporal.

No ritual, a sociedade em ato produz certa efervescência, neste momento há um deslocamento de perspectivas estabelecidas pela sociedade em si mesma. Sendo assim, os rituais são como uma experiência viva, onde pontos de vista categóricos e intercambiáveis são estabelecidos. Para Maria Laura Cavalcanti (2002), os ritos “propiciam aos nativos aquilo que o trabalho de campo e o treino conceitual transformaram em ofício”, nesta perspectiva, o rito promove o estranhamento de si, as tensões do mundo social são dramatizadas.

Os rituais condensam representações, instituições, formas de ação, contradições e ambiguidades constituintes e essenciais de determinada sociedade. Desta forma, a interação social deve ser entendida como “estar um com um outro, para um outro, contra um outro”. (SIMMEL, 2006, p.168)

Desta maneira, os ritos se tornam uma forma de compreensão de uma sociedade através de espetáculos criados para falar de nós mesmos de maneira alegórica, carregando uma sofisticação artística exemplar.

O carnaval é composto por festas espetaculares, pelas quais, fronteiras entre participantes e espectadores são reinventadas através de diversas expressões. Desta forma, a distinção entre participantes e espectadores foi diluída, em alguns momentos o espectador se confunde com o brincante fantasiado.

Assim como apresentado por Cavalcanti (2002), as festas como modo de ação coletiva, se apresentam de forma processual a partir de padrões artísticos e narrativos aparentemente únicos. As festas, desta forma, traduzem uma experiência simbólica, onde teias de significações são criadas e refeitas através das relações entre sujeito e objeto. Amplos processos sociais são estabelecidos e sua forma expressa o ápice de todos os processos geradores levando em consideração as singularidades das manifestações culturais.

Frederik Barth, no texto “Os grupos étnicos e suas fronteiras” (1998) detalha que a temática que dá nome ao texto é negligenciado pela antropologia social, e que, há agregados humanos compartilham a mesma cultura, mas ainda assim, há diferenças que distinguem cada cultura das outras, para ele, a variação cultural é descontínua.

Segundo Barth, na literatura antropológica, os grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras que são empregadas pelos próprios atores para organizar a relação entre as pessoas que se autoperpetuam do ponto de vista biológico, se identificam e são identificados pelos outros e compartilham valores culturais fundamentais. Mas para o autor, esta concepção deve ser vista como uma consequência ou resultado na organização dos grupos étnicos e não como um elemento norteador. Barth analisa os grupos étnicos como uma forma de organização social, que deve ser definida a partir da fronteira étnica e não do conteúdo cultural por ela delimitado. Sendo assim, um grupo permanece com sua identidade quando seus membros interagem com outros devido a critérios de pertencimento e exclusão.

“Os grupos étnicos não são apenas ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e as diferentes maneiras através das quais eles são mantidos, não só as formas de recrutamento definitivo como também os modos de expressão e validação contínuas, devem ser analisadas”. (1998, p. 34).

Sendo assim, a manutenção das fronteiras étnicas implica a existência de contato social entre grupos diferentes, sendo mantidas diferenças persistentes.

As diferenças entre culturas, assim como as conexões históricas e as fronteiras que são estabelecidas entre elas, vem sendo estudadas através dos anos, mas segundo o autor, o processo de constituição dos grupos e a natureza de suas fronteiras não estão sendo investigadas, sendo alocadas no conceito de “sociedade” que desconsidera as características de cada agrupamento e de suas fronteiras. Não podemos considerar que os grupos são instituições que mantem sua cultura através da indiferença hostil, desprezo ou o não conhecimento de outros povos ou de seus vizinhos. Pois as fronteiras étnicas “permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam” (1998, p.26), ou seja, as diferenças são estabelecidas além da mobilidade, do contato ou da informação, sendo estabelecidas a partir de processos de informação e contato, exclusão e incorporação.

De outra forma, Barth (1998) sustenta que, existem relações estáveis entre grupos, que só são possíveis pelo frequente contato entre fronteiras, como, são baseadas na percepção da existência de “status étnicos dicotomizados”. Ou seja, as distinções são muitas vezes a base para que os sistemas sociais sejam construídos e a interação entre grupos não leva à destruição dos sistemas, as diferenças culturais permanecem mesmo com o contato e até mesmo a interdependência entre grupos.

Nesta perspectiva, José Guilherme Cantor Magnani (2002), no texto “De perto e de dentro, notas para uma etnografia urbana”, nos mostra que existem várias centralidades dentro da cidade e, em vez de procurar uma ordem que garanta a dinâmica da cidade como um todo, é necessário entender as diversas centralidades que formam a cidade. Esta multiplicidade é que permite novos arranjos, trocas e a formação de novas perspectivas. Para Magnani, “a incorporação desses atores e de suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade” (2002, p. 15).

Pontos de vista que passariam despercebidos se analisados através da perspectiva macro de análise.

“A natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o

qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido””. MAGNANI, (2002, p.17)

Entre os grupos de Bate-bolas o cenário é absolutamente familiar, em sua maioria são parentes, vizinhos ou conhecidos e as dinâmicas da manifestação acontecem diante desta perspectiva. Os espectadores se confundem com os brincantes, todos comem e bebem juntos e a divisão de papéis apenas se apresenta durante a brincadeira, quando então, os brincantes vestem suas fantasias e em grupo se apresentam perante plateia formada.

Semelhante ao universo baloeiro pesquisado por Carneiro (1986), os grupos de Bate-bola são predominantemente masculinos e as dinâmicas estabelecidas nos grupos, reforçam esta separação. Assim como na experiência baloeira dificilmente se encontra nas turmas a presença efetiva de mulheres.

As mulheres assumem um papel importante no Bate-bola, são costureiras durante a preparação, se tornam acompanhantes dos maridos ou namorados durante o carnaval, os ajudam a vestir suas fantasias e mediam conflitos.

4.1 - A sociabilidade dos grupos na Internet.

Considerações que mascaram o caráter multifacetado e controverso da manifestação, sendo assim a autora afirma que os mascarados atualmente se encontram tanto nos subúrbios da cidade, assim como nas áreas consideradas nobres, expandindo os espaços geográficos.

No trabalho de Aline Gualda (2008) a autora critica a perspectiva romântica pela qual os Bate-bolas eram apresentados nos textos acadêmicos, como “um evento folclórico, ligado a categorias como “ruralidade”, pureza, e constância” (p. 36).

Os mascarados da atualidade, navegam por outros espaços, como é o caso das redes sociais, postam vídeos no *YouTube* e em homepages criadas pelos componentes das turmas de Bate-bolas.

Os grupos se correspondem através do *Facebook* e de um site chamado Rádio Conflito. A internet permite contatos e trocas de influências simbólicas.

Na Rádio Conflito, os Bate-bolas se encontram e por meio de um bate-papo interativo defendem suas turmas, postam fotos e vídeos, e divulgam festas organizadas por eles próprios.



Figura 3: Convite para festa organizada pela Turma Pernalonga.



Figura 4: Convite para festa organizada pela Turma Charada.

Sob a página bateboleirosdeprantan.blogspot.com.br os participantes de diversos agrupamentos se encontram e postam suas fotos, disponibilizam seus hinos e participam de um bate-papo online.

A página da Rádio Conflito é caracterizada pelos desenhos de alto-falantes em suas laterais e no menu encontra-se a seguinte frase em meio à bandeira nacional: “Rádio Conflito no Carnaval 2014. Pedimos Paz”.

Um pouco mais abaixo enumeram-se as seguintes abas, Parceria, Contato, DJs, Divulgadores, Fotos, CD's completos que são criados pela Rádio e postados para serem salvos gratuitamente através do site e Facebook.

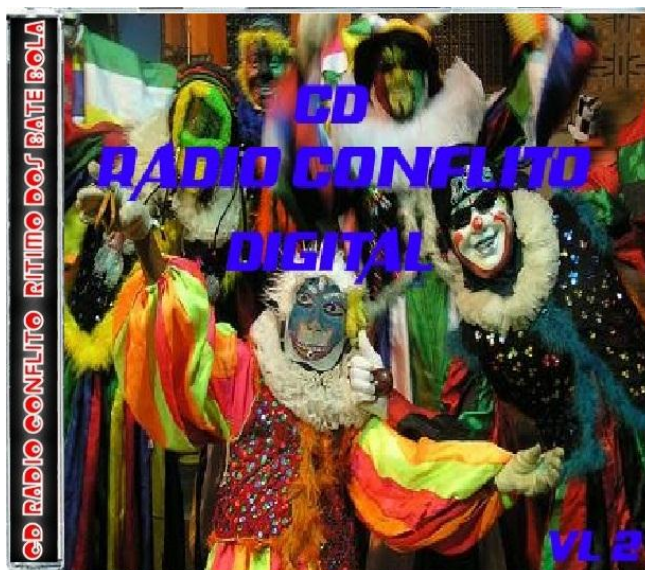


Figura 5: Cd da Rádio Conflito com músicas das Turmas de Bate-bolas.

O site possui um menu lateral que apresenta o “eleito mais bonito” nesta categoria, foi escolhido o melhor bate-bola de Bandeira e Bola, sendo considerados dois grupos, o Impactante que trouxe o tema do jogador de futebol Cristiano Ronaldo e Portugal e o Grupo Sensação que usou o tema palhaços e possuía uma máscara bem diferente com uma armação que simbolizava um cabelo.



Figura 6 e 7: Melhores grupos de Bandeira e Bola eleitos pela Rádio Conflito.

O segundo lugar foi dado ao grupo Polêmica que trouxe uma fantasia nos tons de verde e preto e apostou no personagem Chapeleiro Maluco do filme Alice no País das Maravilhas.

Em um texto, o site faz uma “Convocação pela Cultura Bate-boleira”. Este encontro destinado aos Cabeças dos grupos de Bate-bola a participarem de um encontro no Parque de Madureira sob o pretexto de criar um movimento conjunto de todas as turmas interessadas em defender e divulgar a cultura bate-boleira em contraponto a violência que se envolvem alguns participantes gerando preconceito com os grupos.



Figura 8: Convocação para reunião entre grupos de Bate-bola.

Essa mesma convocação pretendia criar uma Carta Pública explicitando a importância da cultura, “da força e das origens dela e do fato de que a gigantesca maioria das turmas também é contra que se confundam os rituais e brincadeiras dos bate-bolas com violência gratuita”. Em diversas buscas na internet, realizadas após o encontro, não havia sido criado e divulgado um documento que apresentasse os encaminhamentos e/ou resoluções identificadas naquela data.

Após esta convocatória, a Rádio abre espaço para comentar a morte do participante de Bate-bola Danilo Costa Almeida da Turma Sem Neurose, falarei posteriormente sobre o episódio durante a saída do grupo Ilusão.

5 – AS VESTIMENTAS DOS BATE-BOLAS.

A moda não é universal, teve sua origem no fim do período medieval, junto à expansão do capitalismo mercantil. Para Lars Svendsen, em seu texto *Moda: uma filosofia* (2010) o impulso para se enfeitar não é um fenômeno recente, a moda surge quando uma mudança é buscada por si e ocorre frequentemente. A primeira vez que isto ocorreu, foi quando a Europa experimentava um desenvolvimento econômico considerável e as mudanças econômicas surgiram junto às modificações culturais. A partir deste momento as modificações do vestuário passaram a ser menos pontuais, adquirindo uma lógica particular. A modernidade passou a ser indicada pelo valor em si mesmo, ligada ao novo.

Cada campo possui suas próprias formas de revolução e segundo Pierre Bourdieu (1983) tem sua própria periodização que não necessariamente é sincronizada. Sendo assim, as revoluções que ocorrem dentro das formas de se vestir dos grupos de Bate-bola tem relação com as dinâmicas externas da sociedade.

Pierre Bourdieu no texto “Alta Costura e Alta Cultura” (1983) cita o caso de Courrèges, que segundo o autor, realiza uma revolução na moda, por transcender o discurso em torno do assunto, sincronizando uma necessidade interna com algo que acontece no universo que o engloba. Para Bourdieu, Courrèges salienta que:

“Ele não fala de moda; fala de um estilo de vida... Faz uma revolução específica num campo específico porque a lógica das distinções internas levou-o a encontrar algo que já existia fora do próprio campo” (1983, p.157).

As fantasias dos Bate-bolas comumente apresentam relação com a indústria do consumo e/ou do entretenimento, os personagens estampados nas vestimentas pertencem a filmes, desenhos animados, programas de televisão, ou figuras de logomarcas corporativas e grifes de moda acabam servindo de inspiração aos grupos de Bate-bolas. Outro exemplo da presença de desenhos animados da Disney em manifestações culturais

populares é o caso das Fallas na cidade de Valencia, na Espanha.

No carnaval de Bate-bola as fantasias são como uma articulação de diversos elementos materiais e simbólicos que estão em constante transformação e representam a visão de mundo de cada turma.

Apesar da espetacularização dos desfiles, ainda persiste uma perspectiva romântica que atribui uma imagem de improvisação das vestimentas carnavalescas. Para aqueles que não conhecem as dinâmicas que são instauradas durante o ano todo, os preparativos para o carnaval se apresentam como um não-trabalho, pouco organizado que é agregado às atividades de lazer, ignorando as horas e a força de trabalho que são gastas para se produzir um desfile.

Renata de Sá Gonçalves em seu texto “A dança nobre do carnaval” (2010) analisa através do objeto de seu estudo, o bailado do casal de mestre-sala e porta-bandeira e registra a existência de uma tensão no plano visual do desfile que é experienciada pela caracterização estética do casal, desta forma, a fantasia deve favorecer o movimento e impressionar visualmente.

A fantasia se torna um componente importante da performance, desenhada especialmente para aqueles indivíduos, é criada com cuidado exclusivo e só serão conhecidas no dia do desfile.

Anualmente as roupas de Bate-bola se profissionalizam e ficam tão elaboradas e bem-feitas como as fantasias que desfilam pela Marquês de Sapucaí, no carnaval do sambódromo.

A idealização e produção das fantasias são iniciadas com meses de antecedência. São realizadas reuniões onde são eleitos os temas das roupas, as formas, assim como as cores e os acessórios que farão parte das fantasias, o pacote que inclui camisa, boneca, roupa, sapato, luva, meia e calçado.

Os protótipos da fantasia são criados e apresentados aos componentes e a partir da escolha do tema há então uma arrancada para a produção do próximo desfile e os recursos que serão destinados para a aquisição de foguetes que são utilizados nas aparições do grupo e no transporte necessário até os campeonatos. Os grupos recorrem a festas abertas à comunidade, mensalidades para que as roupas sejam

elaboradas.

"os brincantes são agentes em potencial e se manifestam por meio dos consumos particularizados de elementos do seu meio social, combinados à sua capacidade de compreensão e (re)produção dos sentidos que definem constantemente o universo conceitual da manifestação". (Gualda, 2009 p. 123)

Esta dinâmica de articulação permite que o carnaval continue incorporando diversos elementos em sua estrutura e se tornando uma expressão viva que mistura tradição e contemporaneidade.

Os enredos das fantasias giram em torno de ícones da cultura pop, como personagens de filmes, desenhos animados, programas de televisão, cantores e personalidades.

Portanto, as tradições são criadas, desfeitas e retomadas através das teias de relações sociais que integram a cultura.

Os macacões são a roupa-base dos bate-bolas, eles podem ser diferentes pelo volume, modelagem, tecido, padronagem e acabamentos. Os macacões podem ser “de duas bandas, macacão de perna, macacão de saia (ou roda baiana), macacão linguça, macacão listrado, macacão de duas mangas, macacão bujão ou peito de rolinha, entre outras” (Gualda, 2008, p.64).

Normalmente os tecidos utilizados nas vestes são feitos com material brilhante, cetim ou similares e são utilizadas técnicas de serigrafia para acrescentar os desenhos animados nas vestes.

Sobre os macacões as turmas colocam capas, casacas ou boleros, estes são os itens mais dispendiosos da fantasia por possuírem ilustrações que revelam o tema da turma, estas ilustrações são desenhadas graficamente e posteriormente recebem camadas de glitter, outras turmas bordam manualmente seus boleros, outras fazem uso de aplicam camadas sucessivas adesivas, e ainda há boleros criados com aplicação de serigrafia, estas são conhecidas como casacas gliteradas.

Complementando a fantasia, os grupos usam meiões, são meias compridas como meias-calças e luvas que são do mesmo tecido e possuem as mesmas inscrições. No caso do grupo Ilusão, as meias eram coloridas, cada perna possuía uma cor e apresentavam o nome do grupo e

na outra perna os palhaços tema. Já as luvas eram simples, feitas de malha elástica e não apresentavam desenhos.

Ana Cristina da Cunha Lins (2010) apresenta no texto “A função social da máscara Cokwe” uma análise sobre a vestimenta Cokwe para a sociedade Lunda-Quioça e detalha a vestimenta utilizada pelos personagens, que, como foi descrito, se assemelha às indumentárias dos participantes do Bate-bola. Segundo a autora, a vestimenta é uma malha que oculta o corpo do participante até a extremidade dos dedos das mãos terminadas em luvas e pela perna da calça de malha até os pés.

Os calçados utilizados pelos grupos são: sapatilhas, botas e tênis de marca. As sapatilhas são feitas de lona, couro sintético e similares e são personalizadas por meio de bordados e pela aplicação de recortes seguindo as cores e a temática da fantasia.

No caso do grupo Ilusão, nos primeiros contatos o Cabeça havia me dito que utilizariam uma sapatilha da marca Nike que seria customizada, mas no carnaval foi utilizada uma sapatilha simples a qual foi acrescentado o nome de cada componente e o desenho dos palhaços no peito do pé.

Botas também fazem parte da vestimenta, são calçados nos quais são incorporados um acessório que imita um cano longo, feito de espuma ou emborrachado que tem como objetivo envolver e cobrir o calçado.

Já os grupos que usam tênis de marca criam fantasias mais curtas para que possam combinar com seus macacões, de maneira que os pés fiquem visíveis, além disto, os participantes muitas vezes utilizam seus tênis com a etiqueta de proveniência do fabricante para não levantar dúvidas em relação à originalidade da marca. Para Gualda, os tênis de marca são idealizados para um público que busca formas de consumo diferente dos bate-bolas, os acessórios visam um desempenho, conforto e estilo esportivo, mas em poder das turmas são resignificados. Os tênis denotam poder, ostentação e visibilidade social. Os calçados deixam de ser meros complementos da fantasia e se tornam peças chave na relação entre os bate-bolas.

Os grupos que carregam bexigas como acessórios, são caracterizados no meio dos Bate-bolas como grupos agressivos, a bexiga

representa um elemento de poder, por ser utilizada para assustar e confrontar outros agrupamentos. Atualmente as bexigas são feitas de plástico e atadas a bastões por meio de redes feitas de fios trançados. O elemento oposto à bexiga seria a sombrinha, considerada um elemento da paz, as sombrinhas são feitas de materiais variados e com formatos estilizados que obedecem rigorosamente aos temas das fantasias.

As bandeiras ostentam o emblema das turmas ou ilustrações ligadas ao grupo como dito anteriormente, as bexigas estão ligadas ao uso da bandeira, e segundo Gualda (2009), o pequeno mastro da bandeira é resignificado como um instrumento de briga, ele é utilizado como cassetete pelos participantes.

O bicho de pelúcia ou boneco é um adereço de mão que apresenta o mesmo tema da fantasia, pode ser adquirido em lojas de brinquedos ou produzido por modelagem e escultura de materiais emborrachados, espuma ou isopor. As turmas que utilizam sombrinhas usualmente carregam os bichos. Gualda afirma que o uso dos bichos se deu para substituir os leques e conquistar a simpatia do público infantil, como expressão de comportamento pacífico.

Atualmente, os artesãos passam meses preparando os diversos elementos que constituem a fantasia que são expostas nos desfiles. Os Bate-bolas fazem parte de uma atividade cíclica e recorrente, os grupos se desfazem das vestimentas após o carnaval, sendo elas vendidas ou desfeitas para serem reutilizadas de alguma forma no próximo ano.

Enquanto produções artísticas, as manifestações culturais são orientadas por processos de trabalho que perseguem a lógica do consumo e não da acumulação.

De acordo com Roberto Da Matta:

“há, na fantasia, a possibilidade de variar interpretações dentro de um mesmo tipo, o qual possui referências ideais (ou estereotipadas) no código cultural. É essa possibilidade de variação que ajuda a interpretar o termo fantasia, como algo relacionado também ao imaginário e aos seus sub-universos de significação correspondentes”. (1973, p.40)

A fantasia deve ser exuberante e possuir diversos elementos visuais, como penas e tecidos que a tornam majestosa e destacam dentre tantas outras. Como destaca Cavalcanti, a fantasia precisa satisfazer duas funções. A primeira é ser vivida, usada e mostrada e a segunda é ser olhada, apreciada (Cavalcanti, 2006, p.52). Desta forma, a fantasia, a sombrinha, os bichos de pelúcia e em alguns casos, a bandeira, são feitos para serem vividos, girados, movimentados. Os mascarados devem flainar pelas ruas, numa dança própria, exalando a essência que é colocada nas vestes e perdendo vez ou outra, penas de seu espesso boá.

Após o carnaval, as roupas não são reutilizadas como acontece muitas vezes nas escolas de samba, pois no caso dos grupos de Bate-bola a fantasia é vendida para lojas nos subúrbios ou para colecionadores (gerando algum lucro que é revertido para o financiamento das vestimentas do próximo ano).

Ao apresentarem suas fantasias os jovens se mostram como para legitimar sua identidade, tiram fotos com os participantes de seu grupo, ou posam para as lentes do público. Durante as apresentações identifiquei que alguns grupos tinham todos os componentes com os cabelos descoloridos e, portanto era uma forma de se diferenciar dos demais grupos e assim reafirmar sua identidade, e por isso a máscara se tornava um complemento usado como se fosse um boné. Não tinha como objetivo esconder a identidade dos participantes, eles desejam ser reconhecidos entre seus pares.

5.1 - As Máscaras.

As máscaras são um elemento fundamental no carnaval dos Bate-bolas. Jean Duvignaud no texto *Festas e Civilizações* (1983) afirma que as máscaras são utilizadas durante certas festas com o objetivo de corresponderem a autênticas situações imaginárias que se cristalizam em um símbolo.

A história das festas com a utilização de máscaras e outros tipos de fantasias, chamadas mascaradas, é longa e, segundo os pesquisadores, vem desde a Grécia e o Egito Antigos. De acordo com Felipe Ferreira no texto *O livro de ouro do carnaval brasileiro* (2004), na Grécia Antiga, os ritos de iniciação de jovens para a integração com a vida adulta, incluíam pessoas mascaradas e fantasiadas. Nestes ritos, eram comuns atividades em que brincadeiras aparentemente desordeiras, reafirmavam a ordem dos grupos sociais.

Em muitas festividades, o motivo para se usar máscaras era, essencialmente, uma ligação com o sagrado para afastar de sua região espíritos ruins, que se acreditava rondar por lá nessa época (FERREIRA, 2004). Mas, há também descrições de festas em que o intuito era a inversão de papéis, um dos usos mais verificados na festividade brasileira, sobretudo no início, no Rio de Janeiro (CUNHA, 2010).

É próprio da máscara, desde os tempos do teatro grego, fantasiar-se para se esconder. Os atores masculinos representavam papéis femininos, já que não era permitido às mulheres encenar, e, para não serem reconhecidos como homens, utilizavam-se desse artefato (BARTHES, 1984). Mas, além do esconder como característica análoga ao ato de utilizar uma fantasia, tem-se a outra face desse artifício, o revelar. Daí o ato de se fantasiar possa ser justificado como a incorporação e figuração do desejo. Era preciso estar na “pele” de outro para ser quem se quer ser.

Na história da humanidade, a máscara aparece desde as épocas mais remotas como um elemento motivador da experiência mágica/religiosa.

São atribuídas às máscaras as funções de proteção, manifestação do além, participação de uma casta privilegiada ou secreta, instrumento de dominação pelo temor ou identificação a forças incontroladas.

De acordo com Ana Maria Amaral no livro “Teatro de formas animadas: máscaras, bonecos, objetos” (1991), as máscaras representam entidades ou tipos e por ser ligado aos corpos dos atores, seus movimentos são limitados, sendo assim, é mais importante o conteúdo visual do que a ação que é executada.

Inicialmente as máscaras eram feitas com peles de animais e usadas no rosto ou no corpo, camuflando o homem para atrair sua presa, desta forma, a máscara aparece como um disfarce, que tem como função transformar.

A máscara carrega um poder sagrado, carrega energias e simula poderes divinos. Em algumas sociedades, as máscaras concretizam o espírito dos mortos e dos animais, desta maneira, ao representar um animal, o uso da máscara transfere as qualidades, a força e os poderes daquele ser representado.

Em seu texto “A função social das máscaras Cokwe”, Ana Cristina da Cunha Lins (2010), afirma que, intervir na imagem do rosto através do ato estético e simbólico de se mascarar, pressupõe o uso de um objeto criado anteriormente para tal finalidade e que pode haver acréscimo de vestimentas, pinturas, acessórios de mão e até instrumentos musicais.

A máscara utilizada pela sociedade Lunda-Quioca é feita de madeira e é uma parte fundamental da vestimenta, pois o seu uso traz à vida, o personagem que está sendo teatralizado. O uso da máscara se torna “uma possibilidade de participar da multiplicidade da vida, criando novas realidades fora daquela meramente humana”. (p.1. 2010)

A máscara representa uma entrega ao personagem enquanto estiver sendo utilizada,

“é também um distintivo de classe, de categoria profissional e do papel social, demarcando também os territórios do homem e da mulher, da criança e do adolescente, entre muitos outros” (2010, p.1).

Para os índios a máscara carrega equilíbrio e transcendência e é

um elemento de ligação entre o homem e o mundo espiritual, para Ana Maria Amaral (1991), os rituais simulam uma nova realidade, misturam o real e o não-real, através de um desdobramento de personalidades. Desta forma, os participantes saem de si e se transformam, fazendo com que, o seu redor também seja alterado, inaugurando uma nova realidade. Ou seja, a máscara não possibilita apenas a fuga da realidade cotidiana, sua presença possibilita o indivíduo participar da multiplicidade da vida, existindo naquele momento de outra forma, permitindo a metamorfose do sujeito.

“quando o bailarino, possuidor da máscara se une à energia extra-humana que enche o universo, ele põe-se em contato com forças misteriosas que o regem e é nesse momento que ele extrai a capacidade de modificar a realidade humana e de fazê-la fluir em seu próprio benefício”. (LINS, p.4)

Em outras palavras, o mascarado se apropria da nova personalidade (parcialmente humana) e incorpora noções de autoridade, autenticidade, legitima o ato ritualizado e além disto, reafirma a posição do indivíduo como agente articulador e comunicador de sua cultura.



Figura 9: Máscara da fantasia 2013 do Grupo Ilusão.

As máscaras nos festejos populares aparecem associadas às manifestações profanas ligadas à tradições religiosas, como é o caso do carnaval. As máscaras suscitam emoções e provocam impacto.

Durante o carnaval, os participantes dos Bate-bolas simulam um personagem, produzindo atitudes que não são habituais, desta maneira, o participante deixa de ser o que é e se transforma em alguém além de si mesmo e assim, revela uma nova realidade. É a partir desta realidade que é criada uma consciência coletiva e uma energia que une todos em torno do fenômeno. As máscaras, assim como os bonecos expressam ideias.

As máscaras fazem parte da vestimenta do bate-bola, mas não possuem a mesma significação que muitos autores decretaram, como um elemento essencial para a manutenção do anonimato dos participantes. Atualmente devido à postura da prefeitura em identificar os participantes dos grupos através de um credenciamento na delegacia de polícia mais próxima da área onde grupo foi criado, a máscara se tornou um elemento secundário no uso da fantasia, mas também os fantasiados não as utilizam durante todo o período de exibição da vestimenta por sentir orgulho em trajar a fantasia e mostrar o rosto.

Durante todos os encontros com o grupo Ilusão, a máscara foi utilizada durante a apresentação no primeiro evento de saída do grupo, no campeonato de fantasias da Riotur e quando algum espectador pedia ao participante para tirar fotos da fantasia completa.

A máscara então, se torna um elemento decorativo, encaixada apenas na cabeça por causar desconforto devido a temperatura dentro da roupa.

As máscaras dão voz aos personagens, carregam energias e se tornam símbolo, são narrativas e catalizadoras, mas também estabelecem valores de culto aos rituais.

06 – O GRUPO ILUSÃO.

Conheci o grupo Ilusão na área da Cinelândia, centro do Rio de Janeiro, onde estava sendo realizado o concurso promovido pela Riotur para a escolha do melhor grupo de Bate-bola da cidade.

O grupo havia escolhido o tema, “A pequena sereia” para estampar sua fantasia no primeiro ano de formação e este foi o motivo inicial da minha aproximação. O grupo me impressionou pelas cores chamativas, o cheiro de tutti-frutti, a boneca Ariel que carregavam junto ao pescoço, a sombrinha e a alegria dos componentes.



Figura 10: Traje completo do Grupo Ilusão 2012.

O grupo Ilusão foi formado no ano de 2011, composto por moradores do bairro Taquara - Jacarepaguá. O bairro faz parte da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, área conhecida por apresentar uma grande quantidade de grupos de Bate-bolas e fica próximo dos bairros Vila Valqueire e Madureira, conhecido reduto e ponto de encontro de grupos de diversas localidades.



Figura 11: Mapa de parte dos bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

De acordo com o "Cabeça" Alessandro, o grupo Ilusão foi criado devido a insistência do primo de sua esposa, que desejava se fantasiar de Bate-bola e por ser muito jovem, pediu para que ele, que já havia participado de um grupo de Bate-bolas fundasse uma turma e depois de muita conversa, o grupo foi instituído.

O grupo Ilusão se apresenta nos quatro dias de carnaval, a apresentação se inicia com a queima de fogos de artifício, a dispersão pelo bairro, posteriormente o grupo se reúne e se dirige até o ônibus alugado e percorre os coretos da cidade onde o grupo confraterniza com outros foliões.

A associação é formada por quatorze componentes, todos do sexo masculino e três mascotes, crianças que se fantasiam com as mesmas vestimentas dos adultos e que muitas vezes possuem estreita relação com os demais participantes.

Os componentes do grupo Ilusão possuem relações de parentesco, seus componentes são primos, irmãos sendo quase todos pertencentes à mesma família. O grupo se diferencia dos outros pesquisados por ter se originado de uma turma de Índios (grupos que desfilam durante o

carnaval acompanhando o bloco carnavalesco Cacique de Ramos), que devido a brigas internas, o grupo de Índios não existe mais.

A fantasia escolhida pelo grupo Ilusão era composta por camiseta azul com o desenho da Pequena Sereira (Ariel) e seus amigos, e bermuda amarela com o mesmo desenho e o nome do grupo bordados, o calçado era um sapato azul, com o rosto da Ariel pintado a mão, a meia-calça era azul com o nome do grupo e com o rosto das princesas da Disney acrescentados. A máscara era azul com os desenhos pintados e em torno do rosto havia uma aplicação de boá amarelo. Na parte de trás da máscara havia um bordado com o nome da turma, sua localidade e o ano. A cor do casaco era azul brilhante com os desenhos dos personagens e com boás amarelos. As luvas também eram amarelas e a sombrinha era azul com o rosto da Pequena Sereia. Além da sombrinha, todos os integrantes carregavam uma boneca da Ariel. Um integrante da turma possuía um aparelho que fazia bolas de sabão no formato do peixe integrante do desenho animado.

Nas Turmas podemos observar que o pertencimento ao grupo, além de reforçar as relações de parentesco, vizinhança e amizade, assim como no caso dos baloeiros apresentados por Sandra Carneiro “se torna uma tradição ou herança familiar, passada de geração a geração, de pai para filho, de tio para sobrinho reafirmando os laços de vida doméstica” (1986, p. 64).



Figura 12: Grupo Ilusão Carnaval 2012.

O grupo Ilusão se diferencia dos demais agrupamentos identificados anteriormente por serem seus componentes responsáveis pelas diversas etapas de criação necessárias para a realização do carnaval. Desta forma procuramos estreitar o contato com o grupo em seus momentos rotineiros para compreendê-los durante o evento espetacular, ou seja, além do senso comum e dos estereótipos, percebendo que ambiguidades e contradições são formadoras das culturas.

6.1 - As primeiras aproximações.

No dia 08 de julho de 2012 liguei para Alessandro e agendei um encontro após às 18 horas, naquele dia chuvoso estava sendo comemorado os cem anos do clássico do futebol carioca Flamengo x Fluminense. Após o jogo me dirigi até o local, e apesar de não ser distante da minha residência eu não conhecia o endereço, preferi ir de taxi ao local, após diversas negativas, consegui finalmente um veículo que me deixou na esquina da rua.

Alessandro havia me informado alguns pontos de referência e o número da casa, só não havia avisado que em sua rua haviam três casas em pontos diferentes com a mesma numeração. Como ele havia dito que sua residência era próxima a uma cabine de segurança, avistei o número da casa e imediatamente liguei para seu telefone o informando que eu estava do lado de fora e fiquei o aguardando, mas ninguém chegava até o portão, até que alguns minutos depois em outro ponto da rua, Alessandro, acompanhado do primo de sua esposa me chamou e fui até seu encontro, o apresentei ao meu marido e fomos em direção a sua residência.

Neste primeiro encontro queria me apresentar e conversar rapidamente sobre o meu objetivo, falei com ele que poderia ser no portão de sua casa mesmo, mas ele me pediu para entrar em sua residência, onde sua esposa nos estava aguardando.

No portão, Alessandro pediu diversas vezes para que não reparássemos na bagunça, pois segundo ele, no dia anterior havia sido realizada uma festa junina no quintal da residência, decorada com bandeirinhas.

O pequeno lote é distribuído com diversas casas onde moram pessoas da mesma família da sua esposa. Sua casa é muito simples, na entrada existe um cômodo estreito onde sua esposa trabalha com costura, cheio de panos, carreteis de linha, uma máquina de costurar, fotos na parede, sendo algumas do grupo Ilusão, fantasiado e uma boneca Ariel ainda dentro da caixa, com uma identificação improvisada, nela, está

escrito: 1º ano do grupo Ilusão, segundo Ana Clara, que me disse posteriormente, ficará como recordação.

Então passamos por um pequeno corredor e Alessandro, muito simpático nos pedia para entrar na casa, na pequena sala, se encontrava Ana Clara, um sobrinho e seu filho, os cumprimentei e apresentei meu marido a ela. Senti necessidade de ir com meu marido nesta primeira incursão, por Alessandro ser casado e sua esposa estar bastante presente na dinâmica do grupo, me pareceu que desta forma estabeleceríamos uma relação mais cordial e tranquila e desta forma foi.

Senti-me muito a vontade naquele local, na sala pequena ficamos em pé conversando, de um lado, uma cama de solteiro, onde seu sobrinho estava deitado, do outro, um pequeno sofá onde o filho estava sentado.

Em uma parede um pequeno painel desenhado dois palhaços, estes mesmos palhaços colados em um pequeno guarda-roupas em frente à cama. Então começamos a conversar, todos estavam bastante animados. Prontamente Alessandro pegou o primeiro macacão do grupo para o próximo ano, que já estava costurado. Quando me mostrou, já identifiquei que eram os mesmos palhaços que estavam na decoração do cômodo, então eu disse “Patati, Patatá!”.

Eu já conhecia o tema por ter sobrinhos pequenos que gostam dos personagens, se trata de uma dupla de palhaços que apresentam o programa Bom Dia & Cia na rede de televisão SBT.

Então Alessandro começou a me explicar que o grupo estava indeciso entre três temas para a fantasia do próximo ano, que eram Pucca, Pocoyo e os palhaços de Patati Patatá e a escolha pelo terceiro tema se deu por conta do bicho de pelúcia, um elemento importante da fantasia do Bate-bola. Segundo ele, dentre os bichos de pelúcia que era mais bonito e chamativo entre esses temas eram os palhacinhos, então sua esposa pegou o boneco do Patati e Patatá para me mostrar, o bonequinho de borracha ao adicionar pilhas se movimenta ao ser acionado.

Eles começaram a me explicar como é feito o macacão, e os detalhes da vestimenta, Alessandro já estava com os tecidos cortados para o próximo macacão e me disse que a noite, depois que chega do

trabalho que costura com sua esposa as roupas e nos fins de semana que acrescenta o brilho, pois é necessário um dia de sol para que possa secar.

Por isso, no domingo, dia 15 de julho ele me convidou a ir novamente a sua casa, pois caso não chovesse ele iria fazer a próxima roupa ou então irá pintar o muro externo da casa com o nome do grupo e o nome de cada participante. Para a pintura do muro ele me disse que haveria um churrasco, no qual os componentes vão até o local e é feita uma “vaquinha”, onde cada um dá o que pode em dinheiro e são compradas carne, refrigerante e cerveja para a comemoração.



Figura 13: Pintura do Muro do Grupo Ilusão.

Perguntei então a ele, quantas roupas ele faria para o próximo ano, então ele pegou um livro de contabilidade. Neste livro estão os nomes dos dezessete participantes e a relação de pagamento de cada mensalidade que é cobrada. Alessandro me disse que o valor é um dos menores entre os Bate-bolas que conhece. O valor de oitenta reais que devem ser pagos no dia 10 de cada mês e caso algum componente fique dois meses sem pagar o valor, ele é retirado do grupo e o dinheiro já pago não é reembolsado.

Alessandro me disse que apenas a fantasia gira em torno de mil reais, pois na parte inferior do macacão, o grupo usará um tecido

brilhante que custa vinte e um reais o metro e para cada peça é necessário uma grande quantidade de tecido.

Além do macacão, Alessandro me mostrou a lycra que se transformará na meia da fantasia, esta parte da vestimenta é enviada para uma gráfica onde é estampado o desenho.

Já a máscara é comprada pronta e é acrescentado o cabelo feito de boá, este material é comprado no bairro de Madureira, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, marcado pela presença de duas importantes escolas de samba, Império Serrano e Portela, o bairro possui diversas lojas que se dedicam ao carnaval e outras festas, dentre elas a loja da Loren, conhecida como a rainha do boá, uma travesti que vende boás nacionais e importados de diversas espessuras.

Segundo ele, Loren também é jurada no concurso de melhor grupo de Bate-bola realizado na Cinelândia pela Riotur e os grupos que adquirem as peças em sua loja sempre conseguem os primeiros lugares na premiação por serem de ótima qualidade, por isso, o grupo Ilusão se dispôs a comprar o boá mais espesso, feito de material importado que custará R\$110,00 a peça.

Mas Loren não atende qualquer grupo que vai até a loja, ela dá preferência para aqueles que são indicados, como é o caso do grupo Ilusão. O contato com a travesti Loren foi intermediado por um amigo de Alessandro que faz parte do grupo Terror que também é atendido em sua loja.

Já a sombrinha do grupo é feita por um artesão de Marechal Hermes, que segundo eles é a melhor pessoa para esticar as sombrinhas, em sua loja este artesão também vende boás e tem uma relação de rivalidade com Loren.



Figura 14: Tela da sombrinha do carnaval 2013.

Para complementar os acessórios que apresentam a identidade do grupo, Alessandro apontou que, além da fantasia que é usada no carnaval o grupo Ilusão produz camisas, camisetas, bonés, agasalhos e calças, durante todo o ano para segundo Alessandro “divulgar o grupo”.

No primeiro encontro Alessandro estava vestido como uma camiseta feita por ele, comemorativa para o grupo, com o desenho de São Jorge, o cavalo e o dragão. A camisa tem o nome do grupo estampado e no lado esquerdo abaixo do desenho de São Jorge tem um desenho sombreado de um participante de Bate-bola fantasiado. Na parte de trás estão colocados os nomes dos patrocinadores da camiseta.

Além da camiseta, Alessandro me mostrou um agasalho que ele e sua esposa haviam feito e mostrado para os componentes do grupo e todos haviam pedido um item, o agasalho é amarelo e preto com o nome do grupo na parte da frente e um desenho do Garfield e o nome do participante atrás.

Alessandro e Ana Clara criam as roupas e mostram às pessoas, caso alguém se interesse ele fala o preço e fabrica os produtos. Dentre os itens, ele já tinha o pedido de 35 produtos, até mesmo pessoas que não fazem parte do grupo e são simpatizantes pedem seus itens.

O grupo Ilusão também conta com um boné com seu nome e uma camisa, a camisa também terá o nome do grupo e um desenho com

motivo infantil, mas que não será o mesmo do tema do próximo ano, os palhaços Patati, Patatá.

Para Gilberto Velho (1995) no texto “Estilo de vida urbano e modernidade”, a metrópole passa constantemente por uma reorganização do espaço, ocorrida devido às transformações na vida política e econômica. Sendo assim, são criadas “novas visões de mundo, com concepções particulares de tempo, espaço e indivíduo” (p.227).

O autor salienta que vivemos um estilo de vida urbano que “leva ao paroxismo os mecanismos universais de diferenciação” que seriam a base da vida social, fomentada devido à interação contínua de atores variados que promovem a circulação entre diversos mundos.

De acordo com o autor, apesar desta interação contínua, as diferenças continuam existindo e são importantes para a interação e comunicação dos diferentes atores, pois os indivíduos se “deslocam entre códigos e mundos diferenciados quanto aos valores, orientações e sistemas classificatórios” (p.231).

Desta forma, na cidade há diversas visões de mundo e estilos de vida, que se movimentam criando múltiplas realidades e colaboram para a manutenção dos sistemas.

No universo dos Bate-bolas, a vestimenta expressa um modo de vida, elucida um pensamento, traduz como um determinado grupo quer ser visto. Sendo assim, as vestimentas podem ser consideradas como um elemento definidor de códigos que expressam características similares e distinções entre os agrupamentos.

Segundo Alessandro, são feitas camisas com temas diferentes durante o ano para confundir os grupos que tem rivalidade com o grupo Ilusão. Segundo ele, desta forma se produz um mistério entorno da fantasia “para deixar dúvida nas pessoas, até o próximo ano”.

O grupo Ilusão tem rivalidade com um grupo chamado Racha Coco, da mesma região de Jacarepaguá. Segundo Alessandro, até o dia do carnaval de 2012, os grupos eram colegas, até que no dia da saída, as brigas começaram por conta da exuberância da fantasia do grupo Ilusão. Além destas rivalidades locais, os grupos de Bate-bola da cidade se

comunicam e rivalizam através da internet. Através da Rádio Conflito os participantes trocam ofensas, acusações e defendem seus grupos.

6.2 - Alessandro e o carnaval.

A primeira vez que Alessandro fez parte de um grupo que desfila no carnaval, ele tinha 19 anos e havia sido como componente de um grupo de Índios. O grupo em questão pertencia ao tio de Ana Clara, sua esposa. Alessandro frequentava a rua onde atualmente reside, porque sua mãe também residia nos arredores e naquele ano, foi convidado a fazer parte da Turma de Índios e posteriormente ele conheceu Ana Clara, que se tornaria mais tarde, sua esposa. Ao questioná-lo sobre o valor pago para se fantasiar como um Índio e fazer parte do grupo, ele me informou que é muito barato “com R\$200,00 você pode ser índio”.

Durante alguns anos, Alessandro fez parte do grupo de Índios e no ano de 2006 se juntou à Turma Explosão, com o tema da fantasia Alice no País das Maravilhas e Pinóquio.

Alessandro já havia me dito que fez parte do grupo Irritação por dois anos, caracterizado por ser um grupo de Bate-bolas de Bandeira e Bola e neste último encontro, me contou o episódio que o fez desistir daquele tipo de turma.

Segundo ele, em um carnaval o grupo Irritação do qual fazia parte, se organizou e no primeiro dia, saiu com 40 integrantes e na Praça do Canhão nos arredores do bairro de Marechal Hermes o grupo ACM “entrou na festa” em que estavam. Quando um grupo se encontrou com o outro, os integrantes trocaram boladas e se hostilizaram mutuamente. Então o grupo que Alessandro fazia parte, se deslocou até os bares do local e decidiram que quando retornassem à praça, caso a turma ACM estivesse no local eles iriam se enfrentar.

O grupo Irritação se organizou em duas filas indianas e

calmamente se deslocaram até a praça e chegando lá o Cabeça do grupo gritou: “Pega ou não pega!” por diversas vezes e a resposta dos integrantes foi: “Pega!”. Desta forma, a briga foi instaurada e depois de trocarem socos e tiros, o grupo Irritação se deslocou até o ônibus que haviam fretado. Quando entraram no ônibus, policiais cercaram o veículo e os componentes iriam ser revistados, e quem estava com armas de fogo as entregou à esposa do Cabeça do grupo para que ela as escondesse em sua bolsa pois não seria revistada.

Os policiais retiraram todos os participantes de dentro do ônibus e tomou as vestimentas de todo o grupo e queimou as fantasias. Nesta ocasião, o grupo perdeu suas vestimentas no primeiro dia de carnaval e Alessandro, assim como os outros integrantes retornaram às suas casas somente com a lycra e a camiseta da turma e não retornaram no dia seguinte para uma nova incursão aos bairros, já que estavam descaracterizados como grupo.

Há uma diferença latente da relação estabelecida entre os grupos de bate-bolas e a polícia, é possível observar que os embates ocorridos entre os grupos são parte de uma encenação que é orquestrada antes mesmo do carnaval e que culmina nestes encontros. Desta forma, estes enfrentamentos entre grupos ocorrem nas ruas, que se tornam palco de demonstração de uma virilidade latente. Estes encontros apresentam uma lógica guerreira em meio à brincadeira. Já a relação estabelecida entre um grupo e a polícia é autoritária, muitas vezes estabelecida pelo uso indevido da força.

Assim como outros tipos de associações, os bate-bolas se organizam em grupos que possuem regras distintas. Para Alessandro as turmas de Bate-bolas são parecidas com as torcidas organizadas. A fidelidade entre membros é um ponto alto da identidade formadora dos agrupamentos e pelo que Alessandro apresenta, por conta da sua história no Bate-bola, essa relação de identidade dos grupos é estabelecida de uma forma mais fluida. Para ele, “é muito difícil ser fiel só ao Cabeça”, e me exemplificou com o que acontecerá no próximo carnaval do grupo Ilusão. Segundo Alessandro, no próximo ano o grupo Ilusão haverá perdido três componentes, um deles se tornou evangélico, outro se

tornou pastor de uma igreja evangélica e ser Bate-bola não condiz com sua atual posição religiosa e um terceiro componente irá viajar no período do carnaval então se ausentará da turma no próximo ano, desta forma, as dinâmicas estabelecidas são sempre alteradas.

Alessandro nos disse que “o Bate-bola dá muito trabalho em sua elaboração, que se estende o ano todo, mas que vale a pena”, sua esposa completou dizendo que ele havia vendido seu carro por conta do Bate-bola. Para Alessandro, ser Cabeça da turma é uma experiência que é sentida e vivida durante todo o ano, quando se acaba o carnaval, o período de brincadeira do Bate-bola, os organizadores já estão pensando no próximo ano. De acordo com Alessandro, o grupo irá inovar na vestimenta: “você vai ver, no ano que vem, nosso grupo vai vir com um macacão que se transforma em dois”.

Para ser líder de um grupo de Bate-bolas é necessário segundo Alessandro, que se tenha “disposição e gostar do que faz”. Ele continua: “precisa de coragem e disposição”. De acordo com ele, o gasto é muito grande, além da responsabilidade em organizar e liderar um grupo de pessoas de diversas idades, “tem que saber controlar a situação”. O Cabeça apresenta um papel chave na criação e organização do carnaval.

6.3 - O Grupo Ilusão e Loren.

A estrutura social para Radcliffe-Brown (1973), designa a rede de relações complexas existentes entre indivíduos. As relações são desenvolvidas dentro de um todo, que o autor intitula como organismo social. Desta maneira, a estrutura social é orquestrada por uma série de relações sociais entre indivíduos, realizada de maneira organizada, com o objetivo de garantir estabilidade e sobrevivência de um grupo e/ou sociedade.

Redes sociais são criadas no universo do carnaval de Bate-bola, as redes fazem parte de um sistema/estrutura social, definida pelo conjunto de relações que são criadas entre atores sociais.

Os atores envolvidos na confecção das fantasias são muito conhecidos dentro do universo dos grupos de Bate-bolas, dentre eles, se encontra Loren que se tornou referência na venda de produtos carnavalescos.

No ano de formação, o grupo Ilusão adquiria o produto de qualidade inferior, mas ao se depararem com a beleza dos boás utilizados pelo grupo Terror, Alessandro pediu para que fosse apresentado a travesti Loren.

Loren possui uma loja no bairro de Madureira e é conhecida por vender boás importados de ótima qualidade, por ser seletiva na venda dos produtos e por ser integrante do concurso Melhor Folião idealizado pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Desta forma, no ano de 2013, o grupo Ilusão, adquiriu através de Loren, os boás, com a expectativa de que teriam uma boa colocação no concurso Melhor Folião, mas o grupo não obteve a colocação esperada na avaliação da comissão julgadora.

Segundo Ana Clara, “no dia do concurso na Cinelândia, os grupos se apresentaram e o grupo Ilusão, por ter adquirido os boás com a Loren, as fantasias terem sido muito coloridas, bem feitas e a máscara ser diferente de todos os outros grupos participantes achamos que íamos conseguir ganhar o concurso”. Ana Clara continua, afirmando que houve algo errado naquela eleição, pois um dia antes o grupo Ilusão havia se encontrado com os participantes do grupo Racha Cuca e eles haviam afirmado que iriam sair vitoriosos no concurso: “amanhã o 1º lugar é meu” disse o líder do grupo.

No momento do anúncio do vencedor, os representantes do grupo em questão, já estavam em cima do palco e isto causou estranheza aos demais agrupamentos.

Mas no ano de 2013, vários grupos estavam questionando sua colocação, pois de acordo com os participantes, o grupo que se tornara vencedor estabelecia relações pessoais com os jurados daquele evento e

então viam a necessidade de questionar os métodos utilizados pela jurada em questão.

A partir daquele momento, Loren foi criticada pelos grupos de Bate-bola que se dirigiram a ela para que fosse explicada aquela situação. De acordo com Ana Clara, seu marido Alessandro, protagonizou uma discussão com a comerciante “esculachou a Loren pelo telefone” e desta forma os dois romperam relações e os diversos grupos envolvidos no concurso também passaram a hostilizá-la nas redes sociais.

A estabilidade da forma estrutural é sedimentada de acordo com a integração das partes e do desempenho das tarefas necessárias à manutenção da forma. Após o episódio ocorrido, foi necessário que houvesse uma reestruturação das relações sociais entre os indivíduos para que a estabilidade do organismo fosse alcançada novamente.

Sendo assim, no mês de agosto, Loren organizou uma premiação que homenageava os grupos de Bate-bola que haviam se destacado no carnaval de 2013. Nesta ocasião, o grupo Ilusão foi premiado com o troféu de Inovação e Criatividade 2013. E no fim do mesmo mês, Loren realizou uma festa em seu aniversário e convidou os representantes das mesmas turmas de Bate-bola que haviam ganhado os troféus no concurso que ela havia promovido para a comemoração que foi realizada em sua residência.

Existe uma interdependência entre estes atores, formando um sistema social funcional e integrado. Mas no caso de Loren e os grupos de Bate-bolas a manutenção deste sistema ficou prejudicada por conta das diversas relações travadas entre os atores em comum.



Figura 15: Entrega do troféu Inovação e Criatividade 2013.

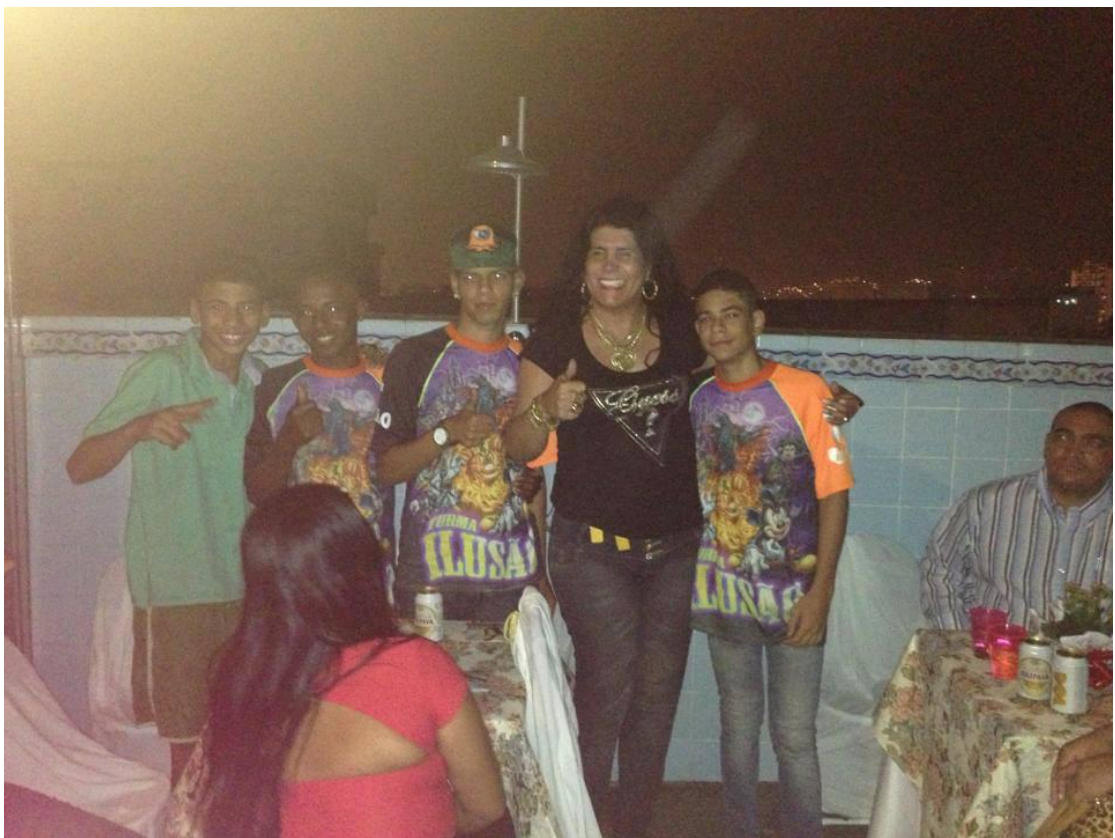


Figura 16: Festa em comemoração ao aniversário de Loren.

6.4 - A costureira de Bate-bolas.

Ana Clara, esposa de Alessandro; o Cabeça do grupo Ilusão, assume o ofício de costureira do grupo. Ana Clara começou a trabalhar com o ofício de costura aos 15 anos e é a primeira pessoa em sua família que se dedica a profissão.

Seu primeiro emprego foi conseguido em uma fábrica de roupas do segmento *surfwear* que se encontra no mercado desde 1987. A marca produz roupas e acessórios masculinos e femininos, desde casacos a bonés.

Inicialmente Ana Clara trabalhou nesta fábrica como arrematadeira, e por dois anos caseava as peças, pregava botões, fazia bainhas, cortava pontas de linha e fiapos, retirava alinhavos e franzidos. Após este período a dona da confecção lhe ensinou o ofício de costureira. Após este período, Ana Clara se retirou da fábrica e passou a trabalhar em um consultório dentário, como recepcionista e aos 19 anos engravidou de seu primeiro filho; Yann, e foi demitida.

Após o nascimento da criança, Ana Clara adquiriu uma máquina de costura industrial, começou a trabalhar em casa e abriu sua pequena confecção.

A confecção se estende a um pequeno cômodo na entrada de sua residência, este local é composto por uma mesa comprida, onde se encontra a máquina de costura, vários carreteis de linha, sacolas contendo lycras e outros tipos de panos e retalhos. Decorando o ambiente, está um quadro de fotos de diversos momentos do grupo Ilusão e um pequeno troféu, que questionada sobre ele, a costureira havia medido que seria um Oscar que o grupo havia ganhado como a equipe de Bate-bola que havia sido por ter sido reconhecida como revelação e mais criativa no ano de 2013. Esta premiação foi idealizada pela travesti Loren e foi conquistada no mês de agosto numa comemoração realizada na quadra da escola de samba Portela.

Assim como os participantes, Ana Clara se dedica ao Bate-bolas durante todo o ano, pois os grupos a procuram para que ela confeccione

mensalmente camisetas, chamadas por ela de abadá, com as especificações de cada turma. Devido a necessidade de segredo, as turmas de bate-bola criam camisetas com motivos diversos para que as outras turmas não descubram até o próximo carnaval a sua real escolha.

Além dos abadá, Ana Clara confecciona camisetas comemorativas para os grupos, além de agasalhos, calças e bonés de acordo com a demanda de cada turma. A produção da fantasia se inicia no mês de setembro, os grupos a procuram com o tecido e solicitam que ela inicie a produção do primeiro elemento, a malha, que será transformada na meia calça e nas luvas da fantasia de Bate-bola.

Já o macacão começa a ser confeccionado em novembro, um representante dos grupos ou atravessadores se deslocam até a residência de Ana Clara, portando desenhos das fantasias criadas no computador e solicitam que ela costure as vestimentas. Questionada sobre a proximidade do carnaval, Ana Clara informou que isto acontece para que outras turmas não possam copiar o tema escolhido, desta forma, mesmo conhecendo como será a fantasia do próximo carnaval, os outros grupos não terão tempo de alterar sua escolha.

No mês de setembro Ana Clara está confeccionando a malha de três turmas de Bate-bolas, mas para o próximo ano, a costureira irá criar as fantasias de quatro turmas da zona oeste da cidade, sendo elas, Terror, Irritação, Ilusão, Provocação e pela primeira vez irá fazer as fantasias de duas turmas de Bate-bola do Complexo do Alemão, que ela não conhece e só teve contato por telefone. Ao ser questionada como estas turmas chegaram até ela, Ana Clara me disse que ela havia sido indicada por um atravessador; Daniel, uma pessoa que segundo ela, é muito conhecido no meio dos Bate-bolas por criar e estampar os desenhos das turmas. Esta pessoa vai até a residência de Ana Clara levando os tecidos e o desenho e desta forma são criadas as fantasias. Perguntei então, por que em nenhum momento, algum representante das turmas de bate-bola, se dirigissem até a sua confecção para orientá-la sobre o modo como gostariam que a fantasia fosse criada. Ana Clara me respondeu que devido as brigas que acontecessem entre turmas de Bate-bola que portam bandeiras, os grupos são divididos em lados A e B, e desta forma, evitam

circularem por locais que possuem turmas que são consideradas rivais.

Ana Clara não conhece outras pessoas que costuram bate-bolas em Jacarepaguá, já foi informada por outros grupos que em Marechal existe uma senhora que também costura, mas que seu trabalho está deixando a desejar, devido a qualidade do trabalho e pela quantidade de fantasias que ela se propõe a fazer e não está conseguindo cumprir com os prazos de entrega estabelecidos pelos grupos.

Por ser contratada por um atravessador, a costureira me informou que recebe um valor menor do que o valor cobrado normalmente, por abadá, Ana Clara recebe R\$2,00, R\$15,00 pelo moletom e R\$25,00 pelo casaco balão e este último item é vendido ao consumidor pelo dobro do preço.

Ana Clara é a costureira oficial do grupo Ilusão, em parceria com Alessandro, se tornam criadores de cada etapa do processo de idealização e fabricação da fantasia. Seu marido Alessandro é responsável por cada parte da vestimenta. No caso da máscara, Alessandro fabrica três peças diferentes e apresenta para os integrantes da Turma e desta forma as opções são colocadas em votação e desta forma é escolhida a melhor e máscara de acordo com o grupo. A máscara do próximo ano já havia sido escolhida e Alessandro já estava fabricando as peças de todos os integrantes, de acordo com Ana Clara, seu marido inicia a criação das peças nas sextas-feiras. Depois que retorna do dia de trabalho formal como segurança, Alessandro se apropria da máquina de costura da esposa e cria cada item com sua supervisão.

Alessandro, de acordo com a esposa fez curso de desenhista, “faz quadros lindos, você tem que ver!”, mas como o valor dos cursos e dos materiais são muito altos, não trabalha profissionalmente com o ofício e através das criações das fantasias de bate-bola, Alessandro faz do dom, seu hobby.

Apesar de ter aprendido a costurar, Ana Clara disse que “ele só costura, quando quer!”. Alessandro faz os moldes de cada item da fantasia, corta a lycra, os tecidos e os outros materiais, mas o que ele prefere, é trabalhar criando os desenhos da fantasia.

07 - A PERFORMANCE.

Victor Turner é considerado pioneiro no ramo da Antropologia da Performance, devido ao seu estudo a respeito dos rituais dos povos Ndembu da África Central. Influenciado pelo etnólogo e folclorista Van Gennep (1978) que desenvolveu um modelo de análise dos ritos de passagem a partir de analogias ao teatro grego.

Segundo Turner (1987) os dramas sociais correspondem a uma unidade constitutiva do processo social, os dramas sociais são caracterizados por quatro fases sendo elas: 1º separação ou ruptura, 2º crise e intensificação da crise, 3º ação remediadora e 4º reintegração (que leva à cisão social ou fortalece a estrutura).

Desta forma, Turner demonstrou como nos momentos mais críticos da sociedade os “dramas sociais” tendem a aparecer com mais frequência, deixando evidente a relação entre ritual e conflito. Os dramas sociais são considerados para Victor Turner como liminares por emergirem nos “interstícios da estrutura social” propiciando aos atores a experiência de estarem às margens da sociedade, sendo traduzida na atuação dos grupos. Assim, as atividades como o teatro, a dança e a música, na sociedade ocidental visam configurar acontecimentos à parte do social, amparados nas expectativas individuais ou nos interesses particulares da diversão.

No caso dos Ndembu, estudados por Turner (1982) os dramas sociais configuram momentos extraordinários criados pela sociedade e neles, os atores sociais podem distanciar-se e lançar um olhar crítico para a realidade social. Sendo assim, os dramas sociais e os ritos de passagem se tornam momentos nos quais os atores se aventuram numa passagem dramática, de ruptura e inversão da ordem estabelecida, representando papéis em um jogo simbólico buscando a resolução de conflitos e em uma maior escala, a manutenção da ordem.

Turner se valeu do conceito de ritual delineado por Erving Goffman (1982), em seus estudos sobre performance. As performances se

tornaram um campo de estudo dos rituais e simbolismo, parte constituinte dos dramas sociais.

O autor apresenta o teatro, a dramaturgia em combinação com a teoria dos jogos, como modelo da realidade social, buscando uma interpretação analítica do comportamento dos indivíduos concretos. Goffman considera o mundo social como um palco, onde os indivíduos se destacam como atores que desempenham papéis sociais que são instaurados de acordo com a plateia. Já Turner, vai além e apresenta o conceito de “metateatro”, para ele, os eventos rituais e os dramas sociais, a partir de um jogo de inversão e o desempenho de papéis figurativos, constituem um espaço simbólico e de representação metafórica da realidade social, propiciando uma experiência singular reflexiva e da reflexividade.

Desta forma, para se conhecer a fundo as contradições inerentes à “estrutura social” é necessário um deslocamento do olhar para os elementos considerados anti-estruturais, sendo assim, as situações liminares apresentadas pelos rituais, interrompem o fluxo da vida cotidiana, deixando de lado os papéis normativos e possibilitando aos atores, repensar e até mesmo refazer a própria estrutura social.

As performances ressalta Turner, acontecem em momentos marcadamente simbólicos e são marcadas pelo caráter polissêmico e evocativo dos símbolos.

“os símbolos possuem as propriedades de condensação, unificação de referentes díspares e polarização de significado. Um único símbolo, de fato representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco” (Turner, 1982, p.71).

Clifford Geertz em seu texto *Negara* (1991) oferece subsídios teóricos e metodológicos importantes para o estudo das performances. Para o autor, a dimensão simbólica do poder é elucidada através do aspecto político na sociedade balinesa, que neste caso possuía um caráter mais performativo do que burocrático-administrativo. Através do estudo Geertz elucida o jogo simbólico das relações políticas na história da sociedade balinesa. Sendo assim, Geertz considera o trabalho etnográfico

como um esforço em captar os significados das “ações simbólicas” em um dado contexto social, que são demarcados a partir de atos, gestos e acontecimentos casuais. Desta forma, é necessário olhar “sobre os ombros dos nativos” para compreender o significado das ações simbólicas, que se vá do texto ao contexto e vice-versa para se adentrar na cultura do “outro” e elucidar a “teia de significados” orquestrada pelos sujeitos.

Neste sentido o trabalho etnográfico consiste no exame da tensão entre a trama dramática das relações simbólicas através da performance e do jogo das relações sociais na vida cotidiana.

O ritual permite um processo de ruptura da ordem e das regras sociais colaborando para uma crise que demanda uma ação reparadora, que posteriormente resulta na integração do grupo. Os dramas sociais suspendem o desempenho dos papéis cotidianos e o fluxo regular da vida social, os transformando em ações e comportamentos ritualizados dirigidos, fazendo com que a sociedade tome consciência de si e de seus valores.

7.1 - O Grupo Ilusão em performance.

Dia 10 de fevereiro de 2013, uma tarde quente de verão, às 18 horas estava chegando à sede do grupo Ilusão, local onde reside Alessandro, cabeça do grupo.

Na esquina da residência, se encontrava um ônibus destinado ao transporte urbano que havia sido alugado para aquela data, e aguardava a saída do grupo.

Quando me aproximei da residência, rapazes trajando a camiseta e bermuda do grupo Ilusão, dançavam ao som da música funk e sertanejo, tocadas por um DJ devidamente posicionado ao lado do portão que dava acesso à casa.



Figura 17: Festa da saída do Grupo Ilusão 2013.

Vizinhos, amigos e familiares dos participantes do grupo Ilusão se aglomeravam na rua, participando da festa, sentados em banquinhos posicionados em frente às suas residências, outros encostados em carros e motos. Alguns bebendo cerveja, outros refrigerantes, comendo churrasco, que estava sendo financiado pelo grupo.

Ao me aproximar do portão, perguntei a um integrante que estava ao lado da churrasqueira, onde se encontrava o Alessandro e logo ele já veio me recepcionar, me levando para o interior do seu quintal.

Alessandro estava animado, mas compenetrado em meio às suas responsabilidades de chefe do grupo, oferecendo bebidas, comida, e questionando a localização dos componentes do Bate-bola.

Como estava cheio de afazeres o perguntei por sua esposa, Ana Clara, e ele então me levou até ela. Ana Clara me informou que na noite anterior não havia dormido para conseguir acabar de costurar e entregar as fantasias do grupo Terror, grupo parceiro do grupo Ilusão. E sentada na máquina de costurar, alinhavava as últimas peças da fantasia do grupo; as luvas.

Com todas as peças prontas, Alessandro começou a testar as luvas em alguns participantes e ao perceber que estavam folgadas, e aos apelos

de alguns participantes pediu para que a esposa refizesse cada uma, de maneira a ajustá-las. Pois de acordo com João, se o grupo saísse pelas ruas usando luvas largas, seriam motivo de deboche perante outros grupos. Sendo assim, Ana Clara continuou costurando até às 21:30hs.

Então, me dirigi para a rua e passei a observar os participantes da festa, a medida que o tempo passava os Bate-bolas ficavam mais excitados, dançando no meio da rua, trazendo um maior número de bebidas e aguardando com maior intensidade o momento da saída do grupo.

Em um dado momento, um veículo imponente estacionou do outro lado da rua e de lá, desceram duas pessoas, um homem e uma mulher que imediatamente se dirigiram para o interior da residência, lá estava Loren, a travesti conhecida entre os grupos de Bate-bolas por vender boás de alta qualidade.

Loren tirou fotos de um integrante vestido com sua fantasia, provavelmente para divulgar em sua loja, cumprimentou Alessandro e rapidamente entrou no veículo e deixou o local.

Entre idas e vindas, dentro da casa, ajudei Alessandro a separar as luvas e distribuí-las aos participantes e questionei a Ana Clara se ela iria sair pela cidade com o grupo. Ana Clara, no ano anterior, era a única mulher que os acompanhava na Cinelândia. E ela me disse que provavelmente não iria, devido ao cansaço dos dias anteriores, e me falava “vida de costureira de Bate-bola é difícil. Tem grupo que chega aqui com pano ruim e eu aviso que vai rasgar, porque homem não tem cuidado com a roupa e quando eles vestem, no dia seguinte, estão aqui reclamando que a roupa rasgou, mas eu tinha avisado”.

Ana Clara se referia a um grupo de “Gatinhas”; homens que se fantasiam de mulher, usam saias brilhantes pretas, meia calça, tênis e arco na cabeça em formato de orelhas de gato. Um grupo havia a contratado para fazer suas saias, mas, que ela havia avisado que o pano que eles haviam comprado não era o ideal para aquele fim e que no próximo ano, se eles não trouxessem um material de qualidade, ela não iria se comprometer com o trabalho.

Às 21 horas o cunhado de Alessandro, se dirigiu até o ônibus e

pediu para que o motorista levasse o ônibus para outro ponto da rua e começou a carregar caixas com fogos de artifício e começou a posicioná-los na esquina, para mais tarde com a saída do grupo, estes foguetes iriam ser queimados.

Ao observar aquele procedimento, os participantes e os espectadores começaram a se aglomerar em frente ao portão.

Retornei para o interior do quintal e lá, Alessandro começava a distribuir as fantasias e os meninos começavam a vesti-las, alguns em pé, outros sentados em bancos nas paredes do imóvel, até que o pânico tomou conta do grupo. Um participante gritava que um pé de seu sapato havia sumido. Os calçados do grupo Ilusão são todos identificados com o nome do seu participante na parte da frente e o nome do grupo no calcanhar.



Figura 18: Preparação para saída do Grupo Ilusão 2013.

Neste momento todos nós começamos a procurar o item, suspendendo fantasias do chão, tirando bancos do lugar, procurando dentro de sacolas e até mesmo dentro das casas. Depois de 20 minutos, aliviados, o sapato havia sido encontrado e os participantes começaram a vestir suas roupas. Então eu comecei a ajudar os menores colocando e abotoando suas casacas e suas luvas, até que todos estavam vestidos. Sendo assim, o líder pediu para que todos que não fossem Bate-bolas saíssem do quintal e aguardassem no exterior da residência.

Todos vestidos, os Bate-bolas dançam ao som da música funk que está sendo tocada pelo Dj ao lado de fora da residência. Estão ansiosos pela primeira saída do grupo e chamam a atenção do Cabeça “Vamo embora Alessandro!” grita um componente, e então começam a entoar um cântico “Ilusão é o terror!” e passam a bater a bola contra o chão e a cantar o tema do grupo e a tirar fotos para registrar aquele momento. Enquanto outros componentes cantam “eu tô passando mal, o Alessandro é o general!”

Neste momento o grupo se une e os componentes mais velhos aconselham os mais novos enfatizando que o grupo está saindo naquela data para se divertir, não é pra ficar arrumando confusão com todo mundo no meio da rua, tem um monte de criança e mulher com a gente, se encostar em alguém pede desculpa o caralho, pra todo mundo voltar inteiro”. É notável perceber a preocupação que o grupo carrega em relação aos acompanhantes e aos seus participantes, por ser um grupo relativamente pequeno o sentido de união é bastante forte entre os participantes do grupo Ilusão. E finalmente o Cabeça enfatiza a necessidade da diversão sem confusão, inicia sua fala agradecendo a presença e participação de todos os componentes e dá uma advertência informando que, o componente que der bolada em outro participante de outro grupo irá tomar “cartão” e não sairá mais, assim como no futebol. E outro componente complementa que no próximo ano não querem escrever “saudades eternas pro fulano de tal não, a gente quer todo mundo aqui no ano que vem”.

Por último, o Cabeça Alessandro, dá a palavra ao Jorge, que reside

no mesmo quintal, e ele inicia sua fala afirmando que, o que ele mais detesta é Bate-bola. E aconselha os componentes a serem “sujeito homem” de acordo com ele: “encher a bunda de cachaça, fumar uma maconha, cheirar um pó e achar que é mais homem do que os outros, vocês tem que saber que vocês tem que sair hoje, voltar para sair amanhã, pegar muita mulher, se divertir bastante e tirar onda”.

Ao se enfrentarem nas ruas, os Bate-bolas iniciam muitas vezes os confrontos, desmerecendo a vestimenta dos seus oponentes, ridicularizando sapatos, meias, o tema, e a qualidade dos materiais. Por isso, Jorge continua aconselhando o grupo para que os componentes não fiquem discutindo “porque vocês são os bons, os melhores”.

A reunião se encerra com duas orações e a turma começa a agitar as sombrinhas e aguardar o momento certo da saída.

Chegando novamente à rua, a comunidade já estava posicionada, portando câmeras, à espera do grupo, e às 22 horas, ao sinal que veio da residência, o dj tocou uma música funk criada para o grupo e os foguetes começaram a ser disparados. Neste momento, o pequeno portão da residência se abriu e de lá saíram os meninos devidamente paramentados com suas fantasias e acessórios.

De acordo com Marcel Mauss (2003), nada ocorre “de maneira natural”, nós nos adaptamos constantemente através de técnicas. As culturas excluem maneiras e incorporam outras em suas dinâmicas e desta forma são delimitadas assim como seus nativos. Nesta perspectiva a cultura se torna um permanente ato de experiência do sujeito e da coletividade.

O corpo se apresenta nas manifestações culturais como um objeto-sujeito de si mesmo, sendo assim, as técnicas corporais pelas quais os homens se utilizam de seu corpo, se apresentam inicialmente de forma natural, mas na realidade são tecnicamente construídas a partir de um ideal inventário. O corpo seria o primeiro e natural instrumento, que se torna meio e objeto de ação.

As técnicas são executadas e são repassadas por imitação, através de arraigados hábitos corporais, sejam eles a forma de falar, andar ou se

comportar, são estabelecidas a partir de uma combinação entre psicológico, biológico, moral, físico e intelectual.

Correndo de um lado para o outro, os Bate-bolas dançavam ao som da música, tiravam fotos com as crianças, e adolescentes e dançavam, se mostravam para sua comunidade.

Um pouco depois, um dos integrantes pediu o microfone ao dj e começou a cantar uma música em provocação a um grupo rival do Ilusão; o grupo Racha Coco. Tempos depois, um pouco mais calmos, o dj avisou pelo microfone que, aqueles, que fossem sair com o grupo deveriam se dirigir até o ônibus, e lá seriam selecionados os lugares, inicialmente destinados aos participantes depois aos colaboradores, e por último àqueles que quisessem acompanhar o grupo, amigos e namoradas.

7.2 - A “Saída” do Grupo Ilusão.

Quando foi liberada a minha entrada no ônibus, já cheio, Alessandro pediu para que eu sentasse em uma cadeira e permaneci durante a viagem carregando a fantasia e os acessórios de um dos integrantes. Dentro do ônibus os componentes iam se ajeitando a medida que guardavam com cuidado suas fantasias, os rapazes entregavam suas vestimentas às mulheres que faziam parte da comitiva e conversavam animadamente dentro do transporte, alguns cantando e outros dançando.



Figura 19: Organização no ônibus para saída.

O ônibus começou a andar e os participantes, já sem suas vestimentas, cantavam, “Bate-bola parado, só pode ser viado!”. Na parte da frente do ônibus, o cabeça Alessandro, guiava o motorista pelas ruas do bairro. Depois de aproximadamente 10 minutos chegamos ao bairro da Curicica. Neste bairro iríamos encontrar uma turma que estava comemorando 10 anos de existência e por coincidência também estariam vestidos com o motivo dos palhaços Patati e Patatá.

Sendo assim, Alessandro desceu do ônibus e pediu para que todos permanecessem no interior do veículo até que ele retornasse. Ao regressar, ele informou aos participantes que iríamos descer e aguardar a

saída do grupo amigo, mas em respeito ao grupo aniversariante, os rapazes do grupo Ilusão não iriam vestir suas fantasias naquele momento, iriam descer apenas com o kit; o kit em questão é a bermuda, a camiseta, a meia calça, o sapato e o boneco.

Em conversa com Alessandro ele me disse que o grupo em questão poderia ver como uma ofensa, caso eles se vestissem com o mesmo motivo que o grupo aniversariante, porque estávamos em sua área e por não “quererem atrapalhar a saída deles”.

Fomos até o local, mas minutos depois retornamos ao ônibus, pois fomos informados que o grupo do bairro Curicica iria atrasar muito para se apresentar.

Sendo assim, nos organizamos novamente dentro do ônibus e ao som da mesma cantiga “Bate-bola parado, só pode ser viado!” e de músicas funk; nos deslocamos para outro ponto da cidade, iríamos até o bairro de Madureira; zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Madureira é um bairro conhecido pela presença de escolas de samba e é considerado um bairro muito ligado ao carnaval.

Victor Turner realiza em seu livro *Dramas, campos e metáforas* (2008) um estudo dos processos de peregrinação em uma dada época e as modificações ocorridas ao longo do tempo. As peregrinações são fenômenos liminares. Para o autor, a vida social é orquestrada em sistemas localizados de relações sociais estáveis e estruturadas, que se encontram em oposição ao processo total de peregrinação. Ou seja, existe uma dicotomia entre “estrutura” e “*communitas*”. A estrutura é o ordenamento da sociedade em papéis e status e *communitas* é uma forma de relação social que se apresenta em períodos liminares, uma associação de indivíduos iguais.

As peregrinações são instauradas mediante dois tipos opostos de sociabilidade, segundo o autor, um é centrado na supressão dos limites estruturais da vida cotidiana e o segundo é baseado na criação de diversas distinções que garantam ordem e segurança aos grupos nos deslocamentos.

“À medida que o peregrino se afasta dos envoltórios estruturais do lar, seu caminho se torna cada vez mais sacralizado em um nível e cada vez mais

secularizado em outro. Ele encontra mais templos e objetos sagrados durante seu progresso, mas também enfrenta perigos reais como bandidos e ladrões. Ele precisa atentar para a necessidade de sobrevivência (...) mas todas estas coisas são mais contratuais, mais associativas, mais volitivas, mais prenes do novo e do inesperado, mais repletas de possibilidades de *communitas*, como o companheirismo e a camaradagem mundana e a comunhão sagrada, do que qualquer coisa que ele tenha experimentado no seu local de origem. E o mundo se torna maior” (Turner, 2008, p171).

Durante o caminho, já no bairro de Madureira, de dentro do ônibus, avistamos um grande grupo de Bate-bolas de bandeiras. No meio Bate-bola é notório que, os grupos que carregam bandeiras são conhecidos e temidos por serem bastante violentos. Sendo assim, Alessandro pediu para que todos parassem de cantar e fizessem silêncio, até que passássemos pelo grupo em questão.

Ao estacionar o ônibus ao lado do viaduto Negrão de Lima, observamos, que estava acontecendo um baile de carnaval com os participantes do baile *black* que acontece todas as semanas embaixo daquele viaduto. E nos arredores, uma multidão de pessoas se deslocava até a entrada do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano.

Os rapazes desceram do ônibus e novamente vestiram suas fantasias, e então encontramos um grupo de Bate-bolas, do bairro Cidade de Deus e eles nos falaram que a pouco tempo havia acontecido uma pequena briga entre dois grupos de Bate-bolas rivais, então nos despedimos daquele grupo e os participantes do grupo Ilusão todos juntos começaram a percorrer às ruas do bairro.



Figura 20: Traje completo do Grupo Ilusão 2013.

A disposição do grupo Ilusão em ambientes públicos sempre acontece da mesma forma, abrindo o grupo sempre há um integrante com maior idade, verificando o comportamento dos mais jovens, as crianças e mulheres no meio, e na parte final, o “Cabeça” do grupo e outro rapaz que não se fantasia, mas que sempre está fazendo a segurança do grupo Ilusão. Ao passar por um brinquedo de pular estrategicamente posicionado na rua, as crianças paravam sua brincadeira para mostrar aos responsáveis os palhaços do Patati e Patatá que lá estavam, sendo assim, o grupo Ilusão se transformou em mais uma atração do carnaval de Madureira, brincando com as crianças e tirando fotos com adolescentes e outros grupos.

Em certo momento, nos deparamos com outro grupo que também

estava caracterizado com os motivos dos palhaços e naquele encontro cordialmente, os grupos se aproximaram e apresentaram suas vestimentas um para o outro, e tiraram fotos.



Figura 21: Grupos com o mesmo tema se encontram.

Os participantes do Bate-bola Ilusão se mostravam com muito orgulho de sua roupa, sendo elogiados pelo grupo e questionados sobre quem havia criado e costurado as vestimentas.

Continuando a caminhar pelas ruas de Madureira, seguimos até a Estrada de Madureira, lugar de grande número de pessoas e ainda mais naquela noite, onde as pessoas disputavam seu lugar entre barracas de comida, bebida e brinquedos.

O grupo passa fantasiado pelas ruas, cadenciando um andar lento

em grupo e ao mesmo tempo se apresentando à multidão. Até que o grupo avistou um local no meio da multidão, onde todos poderiam se instalar para organizar as vestimentas cuidadosamente no chão e descansar, pois todos participantes já estavam naquele processo de comemoração há muitas horas.

Quando todos estavam devidamente instalados, o Cabeça sugeriu que, quem quisesse andar nos arredores ou mesmo se alimentar poderia fazê-lo naquele momento e que, em aproximadamente 30 minutos iríamos sair daquele local e procuraríamos um novo lugar para irmos.

Sendo assim, os participantes mais jovens se separaram do grupo e se encaminharam junto às mães e irmãs às barracas que serviam comida, enquanto que, os participantes adultos permaneceram no mesmo local. Alguns sentados conversando, outros se aproximando das garotas que desfilavam pelo local e utilizando parte da fantasia para chamar a atenção daquelas meninas, alguns vestidos com a máscara, outros com a sombrinha em punho davam pequenos cutucões nas meninas que consideravam interessantes, ganhando muitas vezes um sorriso e até pequenas conversas.



Figura 22: Integrantes do Grupo Ilusão apenas com o kit no bairro de Madureira.

De tempos em tempos, passavam pela avenida grupos fantasiados de Bate-bola, os grupos pequenos seguiam a mesma forma de desfile, caminhando pelo meio da avenida, assim todos poderiam vê-los.

Já os grupos maiores, abriam um clarão entre as pessoas, correndo, batendo suas bolas contra o chão, enquanto outros balançavam suas pequenas bandeiras ao alto, os participantes impunham sua presença através da quase que obrigatoriedade de sua passagem, pois as pessoas, temerosas ou respeitosas, permitiam imediatamente a passagem daqueles mascarados.

Após o tempo determinado pelo Cabeça para permanecermos em Madureira, o grupo novamente reunido, retirou as partes das fantasias que estavam devidamente posicionadas no chão e se dirigiram calmamente até o ônibus que nos levaria para outro ponto da cidade.

Com todos novamente organizados dentro do transporte, o Cabeça nos informou que nossa próxima parada seria Vila Valqueire, bairro limite da zona oeste e zona norte no município do Rio de Janeiro, conhecido pela grande oferta de automóveis novos e usados em sua avenida principal e que se transforma em um dos polos de comemoração da folia durante o carnaval, reunindo centenas de pessoas devido ao carnaval de rua e aos desfiles das escolas de samba do grupo de acesso.

Ao chegarmos em Vila Valqueire, o ônibus se aproximou dos arredores da praça onde acontece os shows e a comemoração de carnaval e naquele momento, enquanto o motorista estava estacionando o veículo, uma moto com dois ocupantes sem capacete, se aproximaram do veículo e com um foguete em punhos fez o movimento que iria dispará-lo pela janela do transporte e depois, desapareceu.

Antes dos componentes descerem do ônibus, o Cabeça ordenou que todos vestissem seu traje completo para que pudessem entrar no Vila Valqueire em “grande estilo”, então os rapazes desceram do ônibus e em sua extensão começaram a se vestir e um pouco depois avistamos novamente aqueles motoqueiros que carregavam os foguetes e eles

estavam fazendo a segurança de um grande grupo de Bate-bolas que vinham depois da moto.

Ao ver aquele grupo, posso dizer que foi a primeira vez que senti medo de um Bate-bola, um misto de ansiedade e preocupação tomou conta de todos que estavam na extensão do ônibus, e o grande grupo se aproximava cada vez mais do nosso pequeno agrupamento, até que o Cabeça Alessandro, se dirigiu até o grupo de Bate-bolas e nos apresentou, “somos o grupo Ilusão de Jacarepaguá” e apertando a mão dos principais componentes disparou, “Posso tirar uma foto com vocês?”. Então, Alessandro me puxou e pediu: “tira uma foto nossa!”.



Figura 23: Encontro com a Turma Talibã.

Ainda com medo, fiz o registro, mas a partir dali, percebi que a relação havia sido alterada, o grupo que anteriormente pareceu ameaçador, percebeu o respeito que o grupo Ilusão tinha por eles e prontamente se posicionaram para o registro.

Assim como apresentado por William Foote Whyte em seu livro “Sociedade de Esquina” (2005), o líder é mais conhecido e respeitado do que qualquer outro participante do agrupamento. E ainda, uma de suas principais funções reside na capacidade de estabelecer o relacionamento entre seu grupo e outros agrupamentos, “seja a relação de conflito, competição ou cooperação, sempre se espera que represente os interesses

de seus companheiros.” (p.265)



Figura 24: Parada para fotos entre mulheres do grupo Ilusão e outros agrupamentos.

Claude Lévi-Strauss no livro *As Estruturas elementares do parentesco* (1982) propõe que, as trocas não possuem apenas um caráter econômico, mas representam um fato social total, ou seja, apresenta dimensões social, religiosa, mágica, utilitária, jurídica, moral e sentimental. Para o autor, as trocas fazem parte de todas as operações instauradas nas sociedades.

“os bens não são somente comodidades econômicas, as veículos e instrumentos de realidades de outra ordem, potência, poder, simpatia, posição, emoção. O jogo sábio da trocas(...) consiste em um conjunto complexo de manobras, conscientes ou inconscientes, para adquirir garantias e prevenir-se contra riscos no duplo terreno das alianças e rivalidades.” (Lévi-Strauss 2008, p.94).

No episódio ocorrido com o grupo Ilusão, após o registro das fotos, os componentes se cumprimentaram e algumas meninas que estavam conosco pediram um registro com os participantes do grupo. As mulheres representam um latente papel na sociabilidade dos grupos de Bate-bolas, os participantes do grupo Ilusão aparentemente não ficaram enciumados em todas as ocasiões que as meninas que acompanhavam o grupo se aproximavam de outros agrupamentos e pediam que tirassem fotos com elas. Sendo assim, através da presença das mulheres, se estabelece então uma relação cordial entre os Bate-bolas.

Nas sociedades estudadas por Lévi-Strauss, os bens mais preciosos na dinâmica das trocas, são as mulheres. Elas são “o bem por excelência”. Como no episódio relatado, o papel desempenhado pelas mulheres do grupo Ilusão naquela ocasião, realiza a passagem “da hostilidade à aliança, da angústia à confiança, do medo à amizade” (p.107).

Passado o evento, quando todos já estavam vestidos, descemos até a praça onde acontece o carnaval e o Cabeça pediu para que todos os componentes chegassem juntos no local, já que são um grupo pequeno, desta forma a possibilidade de algum confronto de um componente com um grupo maior aconteceria. Sendo assim, os rapazes desceram a rua, correndo todos juntos e se posicionaram na entrada da praça até que todos os acompanhantes também chegassem até o local. Então, todos juntos percorremos toda a extensão da praça e então alguns se afastaram para poderem andar e conhecer o local enquanto que outros permaneceram assentados em torno de barracas de comida e bebida do local.

Todos já cansados, já eram 3 horas da manhã, me despedi do grupo e andei até a Avenida Intendente Magalhães para poder chegar até um local onde poderia pegar um transporte para retornar até a minha residência. Caminhando entre Bate-bolas que também se deslocavam naquele sentido, fui me retirando daquele ambiente, que estava relativamente vazio, pois o carnaval do grupo de Acesso acontecia naquela mesma rua, mas em um local distante daquele a que estávamos.

Em certo local, ainda próximo à praça onde havia deixado o grupo Ilusão, ouvimos três disparos de arma de fogo, e nos viramos para trás e percebemos que as pessoas estavam correndo e do outro lado da rua, estava o atirador e seu alvo, ambos vestidos com roupas de Bate-bolas. O atirador continuou os disparos e acertou o rapaz que corria contra a ameaça, e do outro lado da rua, com medo de que o atirador se virasse em nossa direção, mulheres, homens e rapazes vestidos de Bate-bola se abaixaram e procurando refúgio entre os carros estacionados no local, nos escondemos ao mesmo tempo em que procurávamos observar em qual local o atirador se encontrava.

Um pouco depois, vimos dois policiais perseguindo o atirador, que desceu uma rua e desapareceu no meio da noite.

Então, todos que estavam escondidos do outro lado da rua começaram a correr freneticamente, até conseguir sair daquele local, este foi meu caso, que só parei de correr ao avistar a arquibancada onde estava o público que prestigiava o desfile das escolas de samba.

No dia seguinte, procurei informações sobre o tiroteio no bairro de Vila Valqueire na internet, no rádio e nos programas televisão, mas em nenhum lugar obtive tal notícia. Então liguei para o Cabeça do grupo Ilusão e o questionei como havia sido sua saída do bairro e o informei sobre o fato que havia acontecido.

No dia 13/02/2013 foi noticiado nos meios de comunicação da cidade do Rio de Janeiro que, um jovem de 19 anos havia sido assassinado em um confronto de grupos rivais no bairro da zona norte, Bento Ribeiro. Danilo foi baleado no peito por um integrante do grupo Camélias, do bairro Vila Valqueire.

O confronto foi o ápice da rivalidade que foi instaurada entre os grupos, que já trocavam ameaças e se preparavam para o confronto pelo menos duas semanas antes do carnaval, em um vídeo postado no site de compartilhamentos Youtube.



Figura 25: Briga entre grupos rivais pela internet.

7.3 – As Ruas como Espaço de Encontro.

Ruas e praças das cidades se tornam locais estruturados onde agrupamentos coletivos juvenis se reúnem, sejam em galeras, bandos, gangues, a partir de orientações sociais, culturais musicais, religiosas ou esportivas.

A rua se inscreve na sociabilidade urbana, o uso do espaço urbano no centro da cidade adquire feições diversas. Os Bate-bolas embora sejam grupos que nasçam no interior da sociabilidade de rua, protagonizam possibilidades de mobilidade espacial em direção ao centro.

Graça Índias Cordeiro, no livro “A Rua: Espaço, Tempo, Sociabilidade” (2008), investiga “a rua” não como uma unidade definida a priori (pg.9), a rua se apresenta como um espaço social, o que está fora de/do âmbito particular, permeada por noções fluidas, próprias da modernidade. A autora focaliza as realidades polissêmicas que colaboram para a multiplicidade do espaço, pois apesar dos elementos comuns constituintes das cidades, cada localidade apresenta sua especificidade, devido ao caráter estruturante das dimensões simbólicas singulares a cada área.

A identidade da cidade é fomentada pelos processos de interações sociais entre seus habitantes, resultados de confrontos e negociações contínuas. No texto “Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista e pitoresca”(2003) a autora, apresenta as características de uma cidade através de seus bairros populares. Segundo ela, os bairros populares propiciam uma análise do processo de construção cultural do popular urbano. Os bairros possuem performances, atividades e sonoridades próprias e em conjunto inauguram a criação “de uma visão de mundo peculiar, parte integrante de um certo imaginário urbano, revelador de uma cidade popular e histórica” (p.186).

Assim como no caso português apresentado pela autora, os bairros da cidade do Rio de Janeiro, onde os brincantes de Bate-bola residem,

passam a ser identificados como redutos de certas manifestações culturais que neles se orquestram, integrando a própria realidade social da cidade. Os bairros “representam a cidade, a sua memória, a sua história, o seu povo, sintetizam um conjunto de temas e comportamentos específicos” (2003, p.187).

Os grupos de Bate-bola se encontram durante o carnaval da cidade do Rio de Janeiro na área da Cinelândia em um concurso realizado pela prefeitura para a escolha do melhor grupo de Bate-bola, chamado, Concurso Folião Original – Modalidade Clóvis. Esta competição conta com a presença de grupos de diversos bairros da zona norte e oeste da cidade e até mesmo turmas residentes na Baixada Fluminense e no interior do estado.

O concurso é considerado um espaço onde competidores, alguns dominantes, pois detêm o poder em maior grau de constituir objetos raros e outros, que, não produzem sua vestimenta com o intuito de ser o melhor, mas apenas se diferenciar dos demais grupos, agregar amigos ou pessoas que fazem parte da mesma localidade. Sendo assim, os detentores da posição dominante, se opõem por diversas questões daqueles que não partilham este estilo de pensamento ou não possuem muito capital específico.

Os desfiles carnavalescos a partir das relações entre rito e cidade, alimentam um canal de expressão e mediação de processos sociológicos, como a expansão e a interação entre a população e as cidades. De acordo com Cavalcanti (2002) o desfile definido a partir de uma temática foi incorporado a partir da década de 1950, desde então, este enredo, através das linguagens plástica e visual foram alocadas na confecção dos desfiles.

No Bumbá, apresentado por Cavalcanti (2002), as fronteiras estabelecidas entre espectadores e brincantes são mais rígidas, no caso do Festival Folclórico de Parintins, há uma arena onde os dois grupos se enfrentam anualmente intensificando a rivalidade existente na cidade. Os brincantes assim como os espectadores se encontram durante três dias no mês de junho, em uma competição onde os grupos renovam suas fantasias e mitos em sequências dramáticas teatralizadas. Já no carnaval de Bate-

bola, as fronteiras são mais fluidas, não existe essa divisão entre brincantes e espectadores, todos são nivelados no mesmo plano, contribuindo para a manifestação.

No Bumbá os grupos assistem, respeitam a apresentação do adversário e sua existência. A dinâmica implica no entendimento do espaço como território, que ao menos naquele momento, não será dividido “a totalidade da arena é, a cada turno, inteiramente minha ou tua” (Cavalcanti,2002, p.64), nesta perspectiva a existência do outro se torna extremamente necessária.

O carnaval se torna uma brincadeira com regras estabelecidas, que deve ser levada à sério, onde a participação de cada brincante deve seguir diversos preceitos. As performances são um elemento do evento coletivo, são estruturadas e esteticamente delimitadas, de modo a apresentar aspectos individuais dos brincantes assim como aspectos coletivos do grupo ao qual fazem parte, além da experiência entre grupos de Bate-bolas.

Durante a eleição do melhor grupo de Clóvis realizado pela prefeitura durante o carnaval de 2012, foi possível observar as relações de hostilidade e pertencimento que alguns participantes estabelecem com seus pares. Os grupos se concentram nas ruas próximas ao palco e fazem daquele local uma passarela onde os componentes desfilam, dançam, são vistos e se reconhecem. O concurso se inicia às 16 horas, mas por volta das 13 horas já é possível observar nos arredores do centro da cidade alguns participantes se aproximando dos arredores do Teatro Municipal.

No centro, todos os grupos se encontram, para Magnani, os grupos “se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos, que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos, consumo, e modos de vida semelhantes” (1992).

As festas são descritas na história a partir de motivos religiosos e/ou agrícolas. Os ritos são celebrados a partir de excessos exemplificados pelas bebidas, comidas, duração e dança. As festas que ocorrem nas ruas são marcadas pelo excesso mais evidente e pela ocupação popular do espaço público, pois é na festividade.

Alguns grupos se deslocam em ônibus fretados, outros através do

transporte público. Ao chegar na praça os grupos se aglomeram próximos a bancos e barraquinhas de bebidas e comidas e estendem suas vestimentas pelas grades instaladas ou mesmo no chão da praça. Outros grupos se instalam nas escadarias da Biblioteca Nacional e em frente ao Teatro Municipal.

As ruas dos arredores ficam salpicadas de Bate-bolas e quando se encerra as apresentações os grupos se dissipam e se dirigem a outras ruas da área central onde ocorrem blocos carnavalescos.

Durante o encontro diversos participantes se dirigem a outras turmas e ficam hostilizando-se jocosamente, utilizando de vocabulário, enquanto um componente com palavras tenta desmerecer a vestimenta do outro grupo e, por vezes, intimida o rival se aproximando dele cada vez mais. Em outra ocasião, o potencial agressor simulou que iria danificar partes das fantasias do grupo rival que se encontravam estendidas pelo chão da praça.

Os componentes dos grupos carregam um estilo de vida, muitas vezes transgridem as regras e normas institucionalizadas, como forma de institucionalizar sua presença alguns grupos instalam conflitos sociais de forma volátil e esporádicos.

Alguns componentes se encontravam bastante alterados, e era visível o abuso de bebidas alcólicas por alguns participantes, mas de uma forma geral aqueles brincantes que estimulavam os embates, eram a minoria, coibidos pela presença da polícia militar ou até mesmo por outros participantes de seu próprio grupo. Por outro lado, existem grupos que se encontram na praça apenas para brincar e serem vistos.

José Guilherme Magnani (1992) em um trabalho intitulado “Tribos urbanas: metáfora ou categoria?” critica as limitações do termo tribo utilizado por Michel Maffesoli (1987) no livro “O tempo das tribos”. Nesta obra o ponto central do autor era identificar o lado eventual de microgrupos caracterizados como um tipo de comunidade emocional, a partir das transformações que vinham ocorrendo no campo da literatura, arquitetura, moda e comunicações. Para Magnani é preciso estar atento às limitações e particularidades do conceito estabelecido anteriormente, pois para ele, o conceito de “tribo” evoca às alianças mais amplas entre

clãs, segmentos ou grupos locais. Mas no contexto atual este conceito não se encaixa pois, na metrópole os grupos jovens se organizam em pequenas associações, bem delimitadas, com regras e costumes particulares.

A apropriação de espaços no centro da cidade exprimem os modos de negociação da identidade, traduz as microculturas jovens, se tornam espaços que fazem periferia no centro, que garantem transições sociais e espaciais para os jovens na cidade.

As sociabilidades resultam da tensão entre a massificação crescente das relações sociais segmentadas no individualismo e a emergência de microgrupos. Os microgrupos são estruturados a partir de semelhanças entre associações e laços comunitários visíveis, desta forma o pertencimento é instaurado, reforçando a importância das relações pessoais e afetivas, desta forma, as tribos urbanas questionam valores, ideais e representações de mundo e estabelecem sua visão de mundo.

Os desfiles são considerados momentos privilegiados nos quais os participantes descobrem como são vistos na sociedade, em grupos, se classificam e são classificados a partir da confluência de diversos olhares de dentro e por fora do Carnaval.

Neste momento existe um confronto de olhares entre quem pertence a um grupo e detém uma visão interna da dinâmica carnavalesca e quem participa dos processos externamente.

Renata Sá Gonçalves (2007) analisa os ranchos carnavalescos no início do século XX, em seu texto a autora considera a existência de dois tempos na análise, o primeiro é o “tempo histórico” que apresenta um contínuo progressivo no qual lugares (bairros, ruas e casas) assim como indivíduos se destacam, se constroem e são construídos. Por outro lado, existe o “tempo festivo”, épocas históricas, que por meio do desfile, se tornam contemporâneas e são atualizados. Assim como o Bate-bola, a manifestação dos ranchos nos remete a uma estrutura, que apresenta uma certa circularidade e indica também uma certa aceleração moderna.

As representações simbólicas estão dentro de um processo social que contempla o tempo histórico relativizado e o tempo cíclico que coloca os participantes em contato com o mundo sagrado.

7.4 - Última ida à campo, futuro e incertezas.

Em minha última incursão ao campo, me desloquei até à casa de Ana Clara e Alessandro e chegando lá me deparei com a preparação para uma festa. Balões coloridos estavam sendo enfileirados e pendurados na área externa, cadeiras devidamente acomodadas em torno do espaço, churrasqueira sendo colocada em um canto, todos os preparativos para a comemoração do aniversário do tio de Ana Clara. Àquele que havia feito um discurso na saída do grupo Ilusão e que, havia sido responsável por um grupo de índios.

Quando cheguei ao local o portão estava aberto e ao entrar na área, Ana Clara estava ajoelhada dobrando e cortando várias peças de cetim branco. Imediatamente a cumprimentei e me agachei ao seu lado, oferecendo minha ajuda.

As folhas de cetim que estavam sendo enfileiradas no chão possuíam 50 centímetros de largura por 60 centímetros de comprimento. Para cada bloco era necessário 6 folhas que eram devidamente alinhadas, depois, eram dobradas ao meio e medidas com uma régua de madeira para costura, e desta medida era retirado 15 centímetros. Ao questionar Ana Clara sobre o trabalho que estava realizando, ele me disse que aquele era o tecido do grupo de Bate-bolas Elite, que carregam bandeiras e bolas.

O tecido havia sido entregue por representantes do grupo e com os 50 metros disponíveis era possível cortar as peças para 8 fantasias, mas uma grande quantidade de tecido era descartada. Então questionei a costureira devido à grande perda de tecido, então ela me explicou que aqueles retalhos não poderiam ser utilizados porque depois do corte, aquelas peças são colocadas em uma base de madeira e são pintadas e são acrescentados desenhos nas cores escolhidas pelo grupo.

Desta forma, cortamos os tecidos e continuei aguardando o Cabeça do grupo Ilusão retornar à sua residência, pois ele havia saído para comprar apetrechos para o churrasco que aconteceria naquela tarde.

Durante o período de espera, Ana Clara me mostrou uma foto de

um grupo de Bate-bolas chamado Irritação, Ana Clara irá confeccionar as fantasias para o próximo ano e um exemplar já havia sido entregue e havia sido aprovado pelos componentes. Então, o grupo Irritação havia disponibilizado uma foto para que Ana Clara utilizasse como modelo para as próximas fantasias.

A foto apresentava uma fantasia verde e rosa, no mesmo tom das cores da escola de samba Mangueira e homenageava Jamelão, figura importante para o carnaval carioca. Mas o que me deixou intrigada foi um bastão brilhante nas mesmas cores da fantasia, acomodado ao lado da vestimenta. Então perguntei para a costureira o que seria aquilo, e ela me disse, com tamanha desenvoltura, “é um pé de enxada!” e ainda sem entender eu a perguntei “como assim?” e daí veio a explicação com detalhes.

Aquele elemento faz parte da fantasia dos grupos de Bate-bolas de bandeira e bola, segundo Ana Clara, todos os integrantes recebem um exemplar que é utilizado nas brigas entre os grupos, e para a minha surpresa era realmente um pé de enxada, que recebe aplicações nas cores da fantasia.

Ana Clara adentrou a residência para guardar a foto, que serviria de modelo e eu me sentei na entrada e a costureira voltou ao meu encontro com outra fantasia.

A fantasia em questão pertence ao grupo 22, grupo de Bate-bolas do bairro de Curicica, que Ana Clara também está confeccionando o macacão. A peça era branca com aplicações de desenhos brilhantes nas cores azul e vermelha. No próximo ano o grupo iria homenagear os Hooligans, então mostrei para Ana Clara o desenho do soco inglês, contei um pouco da história dos Hooligans; torcedores ingleses de futebol, conhecidos por episódios de violência e por isso são muito temidos.

Ana Clara então me disse que a fantasia dos grupos de Bola e Bandeira são mais simples, os desenhos e as cores são feitas com menos esmero. De acordo com ela, uma fantasia destes grupos gira em torno de R\$500,00, já que no confronto com grupos rivais, os componentes podem perder a fantasia no primeiro dia de carnaval, por isso, os grupos não

dispendem de um valor mais alto na confecção das vestimentas.

Neste momento Alessandro chegou à residência e passei a conversar com ele sobre o carnaval, então ele me disse que ano que vem será o último ano que ele organizará um grupo. Então eu o disse que este ano ele havia dito a mesma frase e Ana Clara completou: “Eu não acredito, nisso!”.

E Alessandro foi se justificar, dizendo que ele fica “muito preso” devido às responsabilidades que seu cargo demanda. Segundo ele, “não está sendo compensador”. Para o carnaval deste ano, ele havia vendido seu carro, para pagar todo o material necessário nas fantasias. Segundo ele, seu cartão de crédito vence no dia 27 de cada mês, então “depois do Natal eu vou comprar todo o material que eu preciso para fazer as fantasias e já sei que vou gastar uns R\$4.000,00”.

Eu o perguntei sobre a mensalidade que era cobrada dos integrantes para a confecção do traje completo e ele me disse que ele havia extinguido a contribuição. Questionado sobre o motivo desta decisão, ele me disse que os componentes estavam dizendo que ele estava ganhando dinheiro com os valores arrecadados nas mensalidades. Então o questionei sobre o livro de contabilidade do grupo. Pois serviria como prova do uso do dinheiro arrecadado, ele me disse que havia mostrado para os componentes, “mas que as pessoas não querem saber”.

Então, para o próximo ano ele tentaria uma forma diferente de contribuição, cada integrante disporia do valor necessário na aquisição de cada elemento, e em determinados momentos seria necessário o desembolso dos valores. Para Alessandro esta forma não está dando certo, ele me disse que uma pessoa ligada ao carnaval havia oferecido a ele um boá de ótima qualidade com um preço mais barato do que aquele praticado por Loren. Mas como ele não possuía o valor necessário, a compra não pôde ser feita.

Perguntei a ele, se não haveria um outro integrante do grupo que poderia atuar como contador, que poderia organizar as finanças do grupo para que não houvesse tais questionamentos, ou que fosse organizada uma comissão para as deliberações necessárias ao grupo e ele me respondeu que em outros grupos acontece tal organização mas que para

ele “o problema do grupo é o grande número de jovens que não se interessam por isso, só querem sair no carnaval, começam a me procurar um mês antes e eu fico com toda a responsabilidade”.

Alessandro é um “Cabeça” diferente dos outros responsáveis por grupos que tenho conhecimento. Ele corta, costura, desenha, pinta, faz as aplicações nas vestimentas, é ele quem adquire todos os materiais, recolhe o dinheiro dos participantes, organiza encontros, aluga o transporte para a saída do grupo e limita a atuação do grupo Ilusão em cada espaço da cidade durante suas incursões.

Assim como nos mostra Foote Whyte em seu estudo “Sociedade de Esquina” (2005). No texto o autor analisa grupos de rapazes e especificamente a figura do líder apresentada pelo autor se assemelha ao perfil do Cabeça do grupo Ilusão. Desta forma, o líder é o ponto focal da organização do grupo. Ele possui habilidades em diversas áreas de interesse daquela determinada organização.

Ou seja, no grupo ele é responsável desde o ritual até a saída da turma. E por isso, deixa de fazer diversas “suas coisas” por conta do Bate-bola, o único dia de folga que Alessandro tem é o domingo, neste dia, ele corta, costura, desenha, para seu grupo e os demais. Ele me disse que deseja fazer reformas em sua casa, mas que não consegue por conta do alto valor gasto no Bate-bola. Então a solução que ele chegou foi que, no ano de 2014 ele irá sair sozinho sem o grupo, irá confeccionar sua fantasia da forma que ele imagina “com os melhores materiais” e vai “entrar no carro” e se deslocar até os pontos de encontro dos Bate-bolas.

Alessandro passou a me falar sobre a escolha da fantasia do próximo ano, a turma Ilusão virá fantasiada de Emília, personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo, livro de Monteiro Lobato, que já foi transformado em série e atualmente é um desenho animado. A escolha se deu, por conta do ineditismo do tema perante os outros grupos de Bate-bola e por conta das cores do tema, em sua maioria verde e amarela, escolha relacionada ao ano da Copa do Mundo de futebol que acontecerá no Brasil.

Como diferencial os participantes irão vestir a roupa da boneca Emília enquanto não estiverem com os macacões, bolero e máscara.

Devido ao calor e ao peso das fantasias, os Bate-bolas trajam a fantasia em momentos específicos, como na saída do grupo ou em apresentações. Após estes momentos os integrantes a retiram e trajam apenas a malha, a camiseta e bermuda. Segundo ele, serão duas fantasias em uma, Alessandro irá confeccionar as perucas, imitando o cabelo de Emília e a vestimenta será inspirada na roupa da boneca. Mas o Cabeça deixa claro, que será o último ano como Cabeça de Bate-bolas.

Ana Clara então o indaga, dizendo que duvida que ele irá conseguir fazer isso. Então o indago, como seria se ele saísse do grupo Ilusão, se desta forma, algum dos integrantes poderia se tornar o Cabeça daquela turma. Então ele me disse que caso aconteça é necessário que haja uma conversa entre o Cabeça e o futuro candidato e é decidido se o Cabeça irá liberar a utilização do nome do grupo por outros responsáveis, pois foi ele quem criou a Turma, e caso o Cabeça não permita o uso do nome, aquele grupo finaliza suas atividades. Ana Clara então disse que ele poderia guardar o nome e eu completei o questionando se seria possível o grupo Ilusão sair no carnaval de dois em dois anos como ele havia me dito que alguns grupos o fazem. E ele me disse que seria uma boa alternativa, pois em um ano ele conseguiria realizar seus desejos e necessidades pessoais, como a reforma da casa e no outro ano ele se dedicaria ao Bate-bola com a mesma intensidade que o faz atualmente.

Durante nossa conversa, dois representantes do grupo de Bate-bolas Elite adentraram a residência, um deles vestindo uma camisa com o nome do grupo que faz parte e o desenho do capitão América. Os dois componentes foram buscar os tecidos que mais cedo eu havia ajudado Ana Clara a cortar para os macacões do próximo ano. Eles levariam para casa e deveriam pintar as peças para levar de volta para Ana Clara costurar as aplicações que já estavam separadas. Enquanto isso, Alessandro os dá dicas de cores que poderiam ser utilizadas nas fantasias e que destacariam e ficariam mais bonitas. O tema do próximo ano será o vilão Coringa, arquirrival nos filmes do Batman, os tecidos receberiam aplicações de pontos de interrogação de diversos tamanhos na cor branca, assim como a cor do tecido. Então Alessandro os aconselhava a

trocar a cor das “charadas para uma cor mais viva”, um roxo ou trocasse a cor que os tecidos seriam pintados para preto ou verde, que desta forma iriam conseguir mais destaque.

Durante o encontro, os Bate-bolas conversam estritamente sobre fantasias, temas, tecidos e purpurina, comentam sobre fantasias de outros grupos para o próximo ano que tiveram acesso, mas sem citar o nome do grupo em questão. Elogiam uma fantasia que será completamente feita com uma técnica de adesivagem, e comentam o alto valor que será gasto para que isto aconteça, pois a vestimenta será toda criada por uma máquina.

Enquanto isto, Ana Clara costura as pequenas peças ao tecido branco, simulando uma futura manga do macacão para mostrar o efeito que a fantasia terá. Com a peça costurada, os integrantes tiram uma foto em seus celulares para apresentar a outro integrante que está à frente da organização para discutirem a troca de cores e o uso de outros materiais.

A confecção das fantasias exige um trabalho conjugado dos participantes, seja na criação, divisão de tarefas e por isso, são realizadas diversos encontros e reuniões entre o grupo e neste caso, a costureira.

Sendo assim, a escolha do tema e sua confecção “socializa os indivíduos nas regras do trabalho coletivo, na ação combinada entre amigos, vizinhos, parentes e mesmo colegas de trabalho” (CARNEIRO, 1986, p. 43).

As turmas de Bate-bola são organizações que apresentam aspectos fundamentais em suas dinâmicas sendo baseadas, sobremaneira, na lealdade e segredo entre os participantes.

As relações entre as pessoas são permeadas na pré-condição de que um indivíduo saiba alguma coisa sobre o outro. Segundo George Simmel no texto *A sociologia do segredo e das sociedades secretas* (2002), as relações são permeadas de “intensidade e clareza ou sombreamento, a depender do grau em que cada parte se revela à outra através de palavras e atos” (p. 219). Para o autor, todas as relações, seja entre duas pessoas ou dois grupos, tem como característica a existência ou não de segredo.

O segredo incide na possibilidade e na tentação da revelação, desta

forma, para Simmel a significação sociológica do segredo é pautada na capacidade ou na inclinação de um indivíduo em protegê-lo, pois “do contraste entre estes dois interesses, o de esconder e o de descobrir, brotam o matiz e o destino das relações mútuas entre os homens” (2002, p.238).

O segredo é um fator importante na construção do ser Bate-bola, seja na relação estabelecida entre os componentes do grupo na escolha da fantasia, se estendendo até no dia em que a vestimenta será apresentada para a comunidade e para outros brincantes.

Cada grupo de bate-bolas estabelece uma relação de cumplicidade entre seus brincantes, pois somente os participantes conhecem com detalhes as características da vestimenta e dos acessórios de sua fantasia, para quando for utilizada ela apresente um aspecto de exclusividade mesmo que, mais de um grupo tenha escolhido a mesma temática, dificilmente as fantasias terão as mesmas cores e características.

No fim do nosso encontro, relembramos a primeira vez que havíamos nos visto no centro do Rio de Janeiro. Alessandro me disse neste momento, que havia pensado que eu era jornalista do programa de televisão Profissão Repórter, até mesmo quando eu os acompanhei durante o carnaval ele tinha esta impressão e neste momento questionaram o motivo de eu fazer tantas perguntas, acompanhar as saídas do grupo e carregar fantasias, então expliquei detalhadamente o motivo da escolha do grupo Ilusão como tema da minha dissertação e falei a eles que, mesmo fazendo parte das interações estabelecidas entre Bate-bolas eu não seria uma participante, mas que meu objetivo era conhecer ao máximo as dinâmicas que ocorrem em todo o processo do carnaval de Bate-bola e ouvi em contrapartida, “você estuda as culturas, os grupos” discurso que eu havia feito quando estabelecemos nossa relação no início dos nossos encontros e conversamos mais alguns minutos sobre nossas impressões.

Finalmente, em meio a copos de refrigerante e pratinhos de plástico com pequenos pedaços de carne, salpicados com purpurina que teimam em se soltar das fantasias e voar por toda a pequena residência até se instalarem sobre nossos corpos, encerro minha última ida a campo.

Com um imenso orgulho de ter conhecido um pouco da história daqueles artesãos que praticam, vivem e consomem o carnaval durante todo o ano. Saio da residência carregando como um troféu, um exemplar da fantasia utilizada pelo grupo Ilusão no ano de 2013 e com a sensação de que no próximo carnaval estarei mais uma vez fazendo parte daquele ritual. A dedicação e amor do casal Ana Clara e Alessandro pelo universo dos Bate-bolas me tornou uma admiradora do carnaval, fui completamente seduzida pelo tema e por seus personagens, devo confessar.

8 - Considerações Finais.

Pode-se considerar que o Carnaval de Bate-bola possui uma menor visibilidade na cidade do Rio de Janeiro do que o carnaval realizado pelos desfiles das escolas de samba, que são caracterizados pela opulência das vestimentas e carros alegóricos confeccionados através do mecenato do jogo do bicho, doações e patrocínios de empresas nacionais e multinacionais e da própria Prefeitura do Rio de Janeiro.

A importância do estudo deste tema se dá pela quase inexistência de trabalhos que se dediquem ao Bate-bola como uma manifestação cultural orquestrada por grupos de pessoas residentes nos subúrbios cariocas e que, se articulam em prol do carnaval e fazem daquele agrupamento um meio de diversão durante todo o ano.

Esta pesquisa pretendeu oferecer pistas para avaliar uma dinâmica sociocultural e que tem na comunicação visual, um importante terreno de produção de estilo, de visão crítica assim como, explicitação de conflitos e diferenças cada vez mais difíceis de serem ocultadas e que se tornam visíveis nos encontros dos grupos, onde tensões e articulações são enfatizadas.

A dissertação procurou abordar a manifestação contemporânea das turmas de carnaval de Bate-bola na cidade do Rio de Janeiro e buscará uma maior compreensão de um fenômeno que carrega características tradicionais e fixas, mas que, absorve diferentes influências contemporâneas em sua estrutura.

Quando iniciei a pesquisa, meu objetivo era contribuir para a criação de uma ciência da sociedade a partir da observação direta de uma manifestação cultural. Como o investigador não pode observar tudo, procuramos observar comportamentos que sejam significativos para os propósitos da nossa pesquisa.

O estudo antropológico deve apresentar a descrição e análise de uma comunidade em um momento específico, para que possa constituir um panorama geral de uma sociedade.

A cultura é um objeto histórico, as pessoas se apropriam de

conceitos e categorias na ação. As pessoas na ação colocam seus conceitos e categorias em relações ostensivas com o mundo. Por isso, são postas em jogo outras determinações dos signos, que estão para além de seus significados recebidos (pelo mundo e pelas pessoas envolvidas).

Não posso afirmar que produzi qualquer interpretação abrangente da manifestação cultural proposta, me concentrei em um grupo específico de brincantes do carnaval.

Procuramos descrever os diversos elementos que formam o caráter dinâmico das associações, através da construção de um documento sobre um aspecto pouco conhecido de nossa realidade cultural. Através dos relatos de campo e imagens realizamos uma pequena observação do que tentamos elucidar neste estudo e esperamos que contribua para o surgimento de novos olhares sobre o tema.

Os estudos sobre culturas se concentram em privilegiar as continuidades, deixando de abordar as variações dentro de cada manifestação. Pretendemos mostrar que as culturas estão constantemente em transformação e são alteradas de acordo com os componentes que fazem parte da associação.

O carnaval e outras manifestações culturais passaram e estão passando por diversas recriações e re-apropriações. O Bate-bola, como exemplo de uma cultura popular se caracteriza por ser um elemento fluido, que sofre constantes alterações. O sistema apresenta uma "diacronia interna" ao mesmo tempo temporal e mutante. Possui uma base cultural, mas que é possível ser rerepresentada em diálogos com o tempo histórico.

Acreditamos que as tradições são criadas, desfeitas e retomadas através das teias de relações sociais que integram a cultura, assim como aponta Eric Hobsbawn no texto *A invenção das Tradições* (1984). Entretanto, a incorporação de elementos diferenciados nas fantasias, passa por uma compreensão dentro do universo conceitual do Bate-bola. As manifestações dos grupos de bate-bolas cristalizam alguns aspectos da cultura tradicional, construindo bases relativamente sólidas de comportamento, enquanto que, modificam outros elementos, sejam eles relacionados com a composição do grupo, comportamento,

apresentação no desfile, vestimentas, penteados, dentre outras.

Portanto, o Bate-bola que, aparentemente é uma cultura popular, com aspectos tradicionais e fixos, apresentam variações de acordo com os grupos, cada turma adequa sua fantasia à expectativa de seus componentes, alternando cores, formatos, elementos, e desenhos. Ou seja, os grupos possuem regras flexíveis e características híbridas.

Com o tempo os grupos incorporaram novas dinâmicas em sua formação, novos materiais são utilizados nas vestimentas, os grupos continuam usando máscaras como parte da fantasia, mas estabelecem uma nova relação com o anonimato, além do uso de diferentes calçados de acordo com os ideais de consumo evocados pelo grupo ou relacionado à tradição da manifestação cultural.

Sendo assim, pensamos o carnaval de Bate-bola como um exemplo cultural que rompe com a dicotomia entre tradicional e moderno, pois, apresenta processos de permanência e descontinuidades como qualquer fato social. As manifestações dos grupos cristalizam alguns aspectos da cultura tradicional, construindo bases relativamente sólidas de comportamento, enquanto que, modificam outros elementos, sejam eles relacionados com a composição do grupo, comportamento, apresentação no desfile, vestimentas, penteados, dentre outras.

O carnaval de Bate-bola seria uma forma de compreender o mundo social através do diálogo de trocas recíprocas, através de fronteiras fluidas. Acreditamos que as Turmas produzem uma prática multifacetada e dinâmica da cultura, sendo assim, os brincantes fazem parte de um objeto complexo, mutável, que lida com adesões e recusas simbólicas.

Como afirma Maria Laura Cavalcanti (2009) o carnaval é bom para brincar, fazer e para pensar, desta maneira, ao fim desta dissertação podemos afirmar que fomos envolvidos por uma surpreendente complexidade que gira em torno do Bate-bola como uma parte da festa carnavalesca. Durante o carnaval além da reprodução entre o mundo ritual e cotidiano, são realizadas rupturas, deslocamentos e continuidades. O carnaval lida com uma passagem do tempo que se distingue e se relaciona com a compreensão da duração, o presente e o

passado se juntam na expressão ritual e produzem uma consciência histórica do mito.

O carnaval possui diversos recortes sincrônicos que entrelaçam mecanismos universais e criam tensões a partir de uma infinidade de particularidades, são criadas versões de um mesmo tema. O carnaval de Bate-bola dialoga com as profundas transformações que passam a cultura popular, pretendemos nesta dissertação iniciar a compreensão da forma de viver, brincar e se agrupar destas associações.

Assim como os desfiles das escolas de samba, o desfile de Bate-bolas apresenta uma beleza que reside na criatividade libertária através da inovação, expressa na busca pelo luxo e pelo uso de recursos tecnológicos.

O efeito surpresa assim como a fruição do objeto que é construído durante um longo período de tempo para ser vivido integralmente e descartado após o desfile. O processo de preparação do desfile aciona diversos planos estéticos e promovem envolvimento significativos entre os atores que o concebem e nesta perspectiva, o transformam continuamente.

Desta forma, a realização do carnaval está respaldada em vínculos sociais e afetivos que foram construídos e reconstruídos nos momentos de encontro das turmas, fortalecendo o pertencimento à associação e aos seus símbolos.

Enfim, o carnaval de Bate-bola está intimamente situado na vida cotidiana dos brincantes, os indivíduos o vivenciam durante todo o ano e encontram no desfile o ápice da preparação anual que o brincante atravessa, os preparativos dos desfiles são diluídos no espetáculo de luzes, cores e aromas, desaparecendo as práticas de trabalho, emprego e um conjunto de atividades que se desenrolam durante o ano para que os grupos saiam às ruas. As fantasias são utilizadas durante poucos dias e posteriormente descartadas, pois no próximo ano, o grupo fará um novo carnaval, com novos temas e acessórios pretendendo alcançar a inovação sempre.

9 BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Ana Maria. *Teatro de formas animadas: máscaras, bonecos, objetos*. Vol. 2. EdUSP, 1991.

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond(Org). *Tratado de Sociologia*. Trad. por Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Contra Capa, 2000.

_____. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. 1998

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984. 185p.

BOURDIEU, Pierre. "ALTA COSTURA E ALTA CULTURA." (1983).

CARNAVAL, BEXIGA, FUNK E SOMBRINHA. Direção de Marcus Vinícius Faustini. Rio de Janeiro: KL Produções, 2005, Gravação em DVD, 99 minutos.

CARNEIRO, S. C. (1986). *Balão no céu alegria na terra*. Rio de Janeiro, Funarte/Instituto do Folclore.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

_____. "Os sentidos do espetáculo". *Revista de Antropologia*, vol.45, n.1, São Paulo, 2002.

_____. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFRJ, 2006.

_____. "Drama Social: notas sobre um tema de Victor Turner". *Cadernos de Campos*, São Paulo, n.16, 2007.

_____ ; GONÇALVES, Renata (orgs.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: Ensaio de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

CORDEIRO, Graça Í; VIDAL, Frédéric. eds. 2008. *A Rua: Espaço, Tempo, Sociabilidade* ed.1, 1 vol. Lisboa: Livros Horizonte.

_____. Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista e pitoresca. *Sociologia*, 13: 185-199.

DACUNHA Lins, Ana Cristina. "A função social das máscaras Cokwe.". 2010.

Disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fbibliotecavirtual.clacso.org.ar%2Far%2Flibros%2Faladaa%2Fcunha.rtf&ei=a8cgU7uVJ4aTkQfW6IDwAQ&usg=AFQjCNGafcMCeFBxYT-AfgGq0BSTSvJJpw&sig2=FY-4YSLze_a7NZqfcbJTw

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rocco, 1997

_____. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. EUDF, 1983.

ELIAS, Nobert e DUNNING, Erich. *Memória e Sociedade a Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

EVANS-PRITCHARD, E. ([1940] 1978), *Os Nuer*. São Paulo, Perspectiva.

FERREIRA, Felipe. O livro de ouro do carnaval brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Negara: o Estado teatro no século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GONÇALVES, Renata de Sá. "A dança nobre do Carnaval." *Rio de Janeiro: Aeroplano* (2010).

_____. "Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX." *Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenaria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação* (2007).

HERSHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOBBSAWM, ERIC e RANGER, TERENCE (ORG). 1984. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Editora Paz e Terra

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas elementares do parentesco*; Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982. 540p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2002, vol.17, n.49.

_____. Festa no Pedago: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo Social; Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2. São Paulo: 2005.

_____. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria? Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 2, 1992.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Editora Cosac & Naify, 2003.

MEDEIROS, Rogério, Sandra de Sá Carneiro, and Marcus Vinícius. "CARNAVAL, BEXIGA, FUNK E SOMBRINHA três visões." In: Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, vol.4. n. 1, 2007.

PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro. 2008.

_____, Luiz Felipe Ferreira. "Turmas de bate-bolas do carnaval contemporâneo do Rio de Janeiro: diversidade e dinâmica." *Visualidades* 7.2 (2012).

_____. Os bate-bolas do carnaval contemporâneo do Rio de Janeiro. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 115-124, 2009.

PRONI, M.W. A teoria do lazer de Elias e Dunning. In: Simpósio internacional Processo Civilizador, 6., Assis. Coletânea. Lasergráfica. Assis. 2001

RAPOSO, PAULO(2004). "Do ritual ao espectáculo: caretos, intelectuais, turistas e media" In, Outros Trópicos. Lisboa. Livros Horizonte, 2004.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Zahar, 1987.

SPOSITO, Maria Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade, 1993.

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Zahar, 2010.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia. Zahar, 2006.

_____. “A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas”. Tradução de Simone Maldonado. João Pessoa, 2002

TURNER, Victor. From ritual to Theatre. New York: PAJ Publications, 1982.

_____. The Anthropology of performance. New York: PAJ Publications, 1987.

_____. The Anthropology of Experience. Urbana: University of Illinois Press, 1986

_____. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. EdUFF, 2008.

_____. O processo ritual. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Petrópolis. Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Zahar, 1987.

_____. Estilo de vida urbano e modernidade. Revista Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.8. nº16, 1995, p.227-234.

ZALUAR, Alba. O Clóvis ou a criticidade popular num carnaval massificado. Cadernos CERU, n.11, 1ª. Série, setembro de 1978:50-62.

WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina. Zahar, 2005.

